



Uema

UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

DESVENDANDO O LAJEIRO DO ESCRIVÃO:

O patrimônio arqueológico em sala de aula



MAYKON ALBUQUERQUE LACERDA

Este guia didático foi elaborado como produto educacional do Mestrado Profissional em História (PPGHIST), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), sob a orientação do Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro. A pesquisa desenvolvida, que incluiu a dissertação e o produto, teve o fomento financeiro da UEMA, através do seu Programa de Bolsa de Mestrado e Doutorado, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG).

Capa do guia didático:
Maykon Albuquerque Lacerda

Confecção de mapas:
Sabrina Lopes da Silva

Produção textual e imagética:
Maykon Albuquerque Lacerda

Revisão textual:
Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro

Design gráfico e Diagramação final:
Maysa Krysty Albuquerque Lacerda

Lacerda, Maykon Albuquerque.

Desvendando o Lajeiro do Escrivão: o patrimônio arqueológico em sala de aula / Maykon Albuquerque Lacerda. – São Luís, 2024.

65f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “Um estudo sobre o sítio arqueológico Lajeiro do Escrivão em São João do Sóter- MA: (re) pensando o ensino de história local, através da educação patrimonial”.

Orientação do Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro.

1. Patrimônio Arqueológico. 2. Lajeiro do Escrivão. 3. Ensino de História. 4. História Local. 5. Educação Patrimonial. I.Título.

CDU 902(812.1)(036)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

APRESENTAÇÃO

Prezado(a) Professor(a),

O material que você tem em mãos propõe a construção e circulação do saber arqueológico e histórico escolar, visando divulgar e sensibilizar, de modo em geral, a toda sociedade, sobre um patrimônio cultural e local de pouca visibilidade: o Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão, localizado no município maranhense de São João do Sóter, a leste do estado, na chamada Região dos Cocais.

Nesse sentido, este guia didático tem como função socioeducativa compreender o processo de historicidade rupestre do patrimônio abordado, bem como resgatar e evidenciar um conjunto de registros arqueológicos feitos por grupos étnicos de passagens, há milhares de anos na região, durante o processo de ocupação humana e povoamento pré-colonial do território que hoje se entende como Maranhão. Além de abordar esse sítio arqueológico no contexto escolar da educação básica e fora dela, por meio da educação patrimonial, junto às possibilidades e ameaças na construção e valorização dessa herança rupestre, que é de todos nós.

Sendo assim, apresentaremos o Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão como objeto de conhecimento no ensino de História Local e, ao mesmo tempo, contributo para seu reconhecimento institucional frente aos órgãos específicos e responsáveis pela proteção, conservação e divulgação de um dos poucos sítios pré-coloniais do leste maranhense, exclusivamente, composto por gravuras, ou melhor, os chamados petróglifos. Além disso, contextualizaremos esse objeto de estudo com o campo arqueológico nacional e maranhense, para melhor entendimento de alguns conceitos e tipologias.

Por fim, fomentaremos a valoração material e a valorização histórico-cultural desse patrimônio arqueológico para as comunidades localizadas em seu entorno, e discutiremos os possíveis desafios a serem superados frente à atual realidade na qual se encontra o Lajeiro do Escrivão. Assim, pensamos este material para os professores de História das turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, sobretudo, para aqueles que atuam na Rede Pública Municipal de Ensino de São João do Sóter/MA.

Desejo a você, uma excelente leitura e aprendizagem histórica!

O Autor

SUMÁRIO



UNIDADE I - CONHECENDO E EXPLORANDO O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Trilhas iniciais.....	4
Breves reflexões.....	7
Exercitando os saberes.....	13
Modelo de plano de aula docente.....	14
Sugestões de livros, blogs, sites, filmes ou mídias digitais.....	16
Glossário.....	18

UNIDADE II – LAJEIRO DO ESCRIVÃO: UM SÍTIO DE ARTE RUPESTRE E DE MEMÓRIAS ÉTNICAS E MILENARES

Caça ao “redondo”.....	20
Breves reflexões.....	23
Algo a mais: Descoberta arqueológica na Região dos Cocais.....	24
Mapeando possibilidades.....	24
Exercitando os saberes.....	34
Sugestões de livros, blogs, sites, filmes ou mídias digitais.....	36
Glossário.....	38

UNIDADE III - UM PANORAMA ARQUEOLÓGICO LOCAL: TÉCNICAS, VISITAS E PROTAGONISTAS DE MEMÓRIAS E SABERES HISTÓRICOS

Vamos conhecer a fundo este sítio de arte rupestre?.....	40
Breves reflexões.....	50
Exercitando os saberes.....	51
Algo a mais: Praticando a educação patrimonial em aula campo.....	53
Sugestões de livros, blogs, sites, filmes ou mídias digitais.....	55
Glossário.....	57

Considerações finais sobre o sítio.....59

Referências.....61

Sobre o autor.....65

UNIDADE I - Conhecendo e explorando o Patrimônio Arqueológico

Objetivos da unidade:

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. Compreender a função do campo de atuação da Arqueologia na atualidade;
2. Identificar o que são sítios arqueológicos e seus diferentes tipos encontrados no Brasil;
3. Perceber o Lajeiro do Escrivão como patrimônio arqueológico local.

Que tal conhecermos o patrimônio arqueológico no Brasil?

• Trilhas iniciais

Atualmente, a **Arqueologia** tem contribuído de maneira imprescindível na comprovação da riqueza do nosso patrimônio, que infelizmente continua sendo vítima do descaso, do abandono e da falta de uma política de preservação efetiva, não só para proteger, mas sobretudo, para inserir esse patrimônio em uma gestão pública que potencialize sua vitalidade, através da busca de alternativas de atividades econômicas, ecoturísticas e sustentáveis adequadas. E é claro, educativas, quando contemplam, de forma significativa e produtiva, alunos e professores da educação básica.

Fig.1: Peter Lund, pioneiro em pesquisas arqueológicas no Brasil.



Fonte: Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Peter_Wilhelm_Lund. Acesso em: 13 ago. 2024.



Quem foi Peter Wilhelm Lund?

É considerado o Pai da Arqueologia, no Brasil. Sendo um europeu naturalista (dinamarquês), que veio ao país, no século XIX, e realizou várias expedições científicas pelo interior brasileiro, dedicando seus estudos arqueológicos a mais de 800 cavernas que explorou.

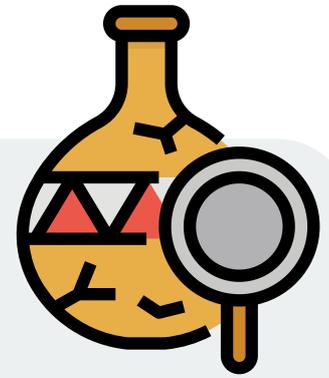
Fonte: Raquel Aguiar; Ciência Hoje, Rio de Janeiro, agosto de 2001.

No Brasil, por exemplo, a Arqueologia iniciou-se com *Peter Wilhelm Lund* no século XIX, durante o período imperial. Esse estudioso montou um laboratório de paleontologia (estudo dos animais antigos), em Lagoa Santa, Minas Gerais, onde, entre 1834 e 1844, mapeou 800 cavernas aproximadamente e descobriu fósseis antiquíssimos, bem como animais extintos e restos humanos.

Nesse contexto, regionalmente, Barbalho Junior (2001) acredita que os grupos humanos que habitaram o território, o qual corresponde ao estado do Maranhão, provavelmente, eram caçadores e coletores, que dominavam técnicas de confecções de objetos de pedra para atender suas necessidades básicas no cotidiano. Assim, somente com o passar do tempo e processo de sedentarização é que esses grupos nômades aprenderam a cultivar a terra, produziram seus próprios alimentos e desenvolveram técnicas de plantio, além de se fixarem em determinados espaços. Com moradias próprias, esses grupos agora **sedentários** passaram a fabricar objetos cerâmicos para utilização no preparo e cozimento de alimentos, devido ao surgimento e domínio do fogo.

A presença de grupos humanos remotos em solo maranhense acabou por caracterizar os vários tipos de sítios pré-históricos existentes, para Barbalho Junior (2001, p. 44), sendo eles: “habitações lacustres (estearias), assentamentos litorâneos (sambaquis) e sítios interioranos (artefatos)”. Estes últimos são assim nomeados por estarem no interior do território e neles serem localizados artefatos antigos produzidos pelo homem pré-histórico, distintamente dos objetos líticos, obtidos por meio de técnicas precisas de lascamentos em blocos de granitos, ou mediante técnicas de picoteamento.

Você sabia?



A Arqueologia pode ser classificada em:

Arqueologia Pré-Histórica: estuda culturas sem escrita.

Arqueologia Histórica: estuda culturas com escrita.

Você conhece os tipos de sítios arqueológicos encontrados no Brasil?

Na visão de Márcia Chuva (2014):

- **Pré-coloniais (pré-históricos)**

Sambaquis: são locais formados por amontoados de conchas de moluscos, ao longo de muito tempo, com dimensões que variam entre 2,0m e 3,0m de altura e aproximadamente 100m de diâmetro, sendo espaços onde se encontram sepultamentos, restos de fauna, artefatos líticos (de pedra), ossos, dentre outros elementos.

Cerâmico-líticos: são aqueles que possuem materiais cerâmicos na superfície do terreno, onde podem ser encontrados cacos, potes de barro, bem como artefatos líticos. Ou seja, ferramentas em pedra, como: pontas, machadinhas, moedores, raspadores, lascadores, ossos de animais, ossos humanos e resíduos de alimentos.

Registros rupestres: são locais formados por inscrições (gravuras ou pinturas rupestres), feitas em paredões rochosos por grupos pré-coloniais. Ou seja, representações imagéticas que se perpetuaram no tempo e contam histórias cotidianas desses grupos.

- **Coloniais (históricos)**

Coloniais e de Contato: são espaços de construções edificadas ou ruínas feitas e deixadas por grupos que detêm o conhecimento da escrita. Realizados pela chamada Arqueologia histórica ou colonial, considerando como tipos de fontes: papéis, imagens, cartografia etc.

Sítios monumentais: são espaços caracterizados por construções de terra de tamanho grandioso, de etnias nativas, incorporados em meio à paisagem, muitas das vezes, confundidos com elementos da natureza. A exemplo estão os geoglifos, com formatos geométricos.

Sítios submersos ou subaquáticos: são espaços que compreendem vestígios da existência humana, debaixo da água. Logo, os arqueólogos usam técnicas próprias de mergulho para identificar, registrar e estudar os materiais submersos em grandes áreas inundadas, em função de alterações nos níveis das águas ou por fatores antrópicos, como o represamento de rios para construção de hidrelétricas.

Breves reflexões

“[...] A Arqueologia, entre outras ciências, certamente cumpre seu papel de aliada dessa luta em preservar e por que preservar. O conhecimento dos vestígios materiais remanescentes só pode ser obtido através da Arqueologia, ciência capaz de interpretar a realidade a partir dos restos da cultura material encontrados no ambiente. Os artefatos, os abrigos, as edificações e todo o contexto construído pelo homem constituem o que denominamos cultura material. Sua análise permite compreender as conquistas e mudanças que o homem realizou, ao longo do tempo, em relação à inovação tecnológica e à apropriação da natureza, bem como no tocante às interferências na paisagem” (Medeiros; Surya, 2009, p. 2).

Diante disso, a pesquisa e o estudo sistemático no campo da Arqueologia tem importância indispensável no processo de proteção do patrimônio em si, não apenas aquele com possibilidade de intervenção restaurativa, mas também o **patrimônio arqueológico**, vinculado ao chamado patrimônio de natureza material, dado sua tangibilidade, ou seja, composição física e visível aos olhos humanos, tratando-se de uma riqueza vestigial, merecedora de preservação e conservação. Logo, é importante mencionarmos que existem três métodos arqueológicos, ou tidos como etapas de trabalho de campo do arqueólogo, sendo respectivamente:



Fig. 2- Exemplo de prospecção.



Fonte: Disponível em:

<https://pt.slideshare.net/slideshow/mtodos-de-estudo-arqueologico-projeto-aripuan/63910084>.

Acesso em: 13 ago. 2024.

01 Prospecção:

É o levantamento da área de estudo (diagnóstico), isto é, o reconhecimento do terreno e suas impressões.

Escavação: 02

É a retirada de terra em torno de objetos/peças materiais ou fósseis soterrados. Configura-se como um recurso de descobertas de vestígios que ficaram enterrados devido à ação do tempo.

Fig. 3- Exemplo de escavação.



Fonte: Disponível em:

<https://pt.slideshare.net/slideshow/mtodos-de-estudo-arqueologico-projeto-aripuan/63910084>.

Acesso em: 13 ago. 2024.

Fig. 4 - Exemplo de registro de material.



Fonte: Disponível em:

<https://pt.slideshare.net/slideshow/mtodos-de-estudo-arqueologico-projeto-aripuan/63910084>.

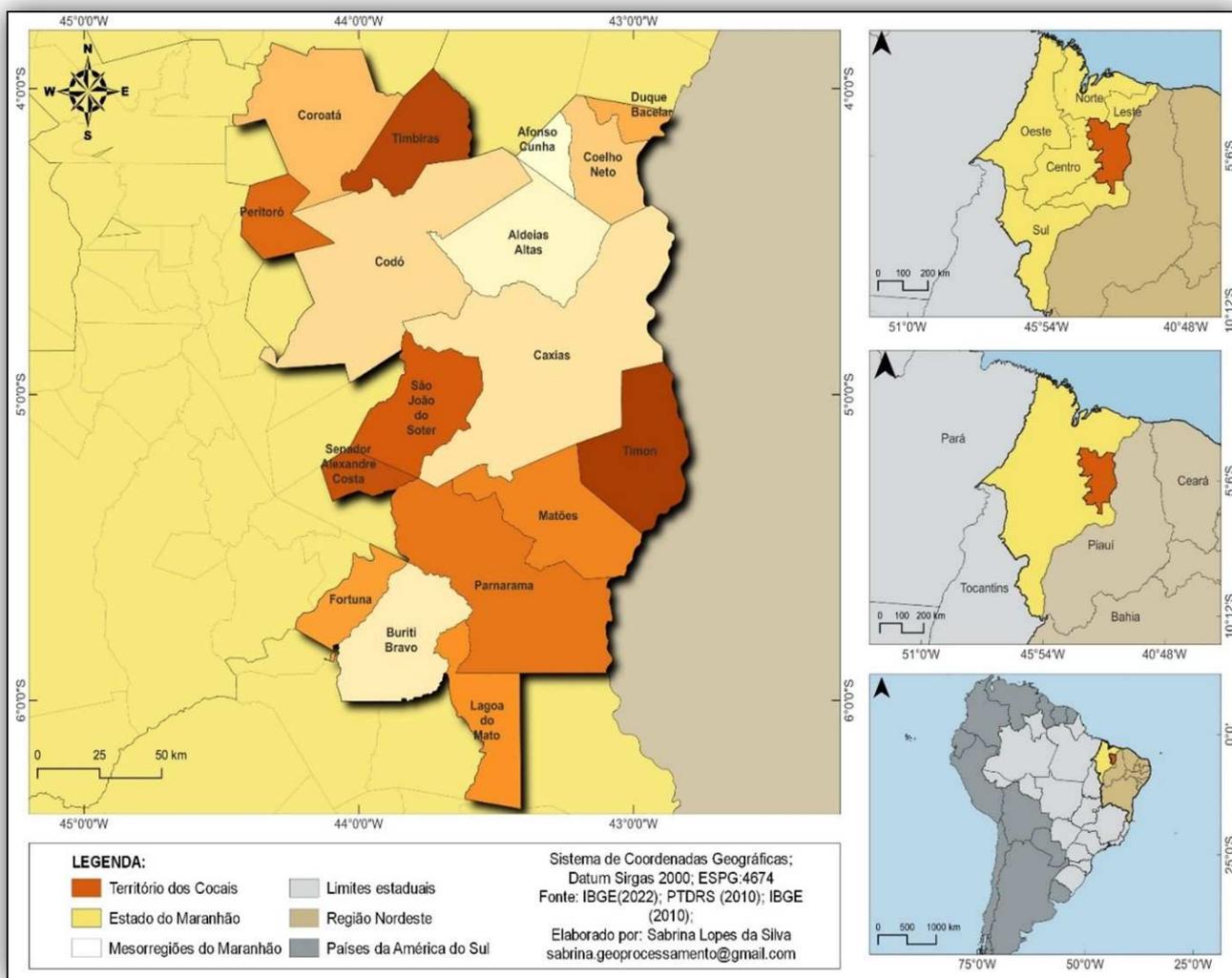
Acesso em: 13 ago. 2024.

03 Registro:

É a coleta de material para a devida análise, recuperação e documentação.

A exemplo de patrimônio arqueológico, que necessita de constante preservação e conservação material, temos o *Lajeiro do Escrivão*. Um tipo de sítio arqueológico de **arte rupestre**, identificado em São João do Sóter, Maranhão. E que está situado, geograficamente, em uma cobertura vegetal de transição, denominada **Mata dos Cocais**, que do ponto de vista político-administrativo, é concebida como Região ou Território dos Cocais, localizada na porção leste do estado do Maranhão, abrangendo uma área de 30.211 km², além de ser composta por 17 municípios, a saber: Afonso Cunha, Aldeias Altas, Buriti Bravo, Caxias, Coelho Neto, Codó Coroatá, Duque Bacelar, Fortuna, Lagoa do Mato, Matões, Parnarama, Peritoró, São João do Sóter, Senador Alexandre Costa, Timbiras e Timon (Figura 5).

Fig. 5 – Mapa de localização do Território ou Região dos Cocais, Maranhão, NE/Brasil.



Fonte: Elaborado por Sabrina Lopes da Silva (2023).

Vale ressaltar que, o Maranhão teve uma nova proposta de regionalização que começou a ser implantada em 2018 pelo IBGE (Brasil, 2022), na qual a Região dos Cocais soma somente quatro municípios maranhenses: Coroatá, Codó, Peritoró e Timbiras (Maranhão, 2018). Entretanto, neste estudo será trabalhado com a grande Região dos Cocais, um território de transição, que contempla os 17 municípios mencionados anteriormente. Contudo, o foco do estudo é **São João do Sóter**, devido ao sítio específico analisado.

Em outras palavras, tentamos inquietá-lo quanto à real necessidade de se intervir na causa de salvaguarda do sítio abordado, tal como a luta por seu processo de tombamento, dentro das leis vigentes de proteção a bens arqueológicos, em paralelo às políticas e práticas de conservação, preservação e valoração de um patrimônio existente. Mas, invisibilizado pelo Poder Público, em não aproximar as comunidades do entorno do sítio ao bem patrimonial em si, visto que são comunidades marcadas e carregadas por memórias construídas no imaginário social referente ao teor místico que circunda o Lajeiro do Escrivão, a exemplo, de possíveis mitos de origem, ou até mesmo, a existência de ouro na região. Além de outras narrativas perpassadas por antigos e novos moradores da área próxima ao sítio arqueológico.

Nesse viés, o patrimônio arqueológico brasileiro pode ser dividido em pré-histórico e histórico (Chuva, 2014). Com isso, estabelecemos a data de 1500 como marco divisório entre a pré-história e a história, isto é, períodos anteriores e posteriores à chegada dos colonizadores europeus que introduziram o modo de produção colonial extrativista, baseado na exploração da mão de obra escrava de negros oriundos do continente africano. Com isso, reafirmamos que a cultura brasileira é formada basicamente pela interação dos traços culturais advindos dos diferentes grupos étnicos existentes no país, sendo uma mistura de indígenas, africanos e europeus.

Uma interação interétnica influenciada pelos primeiros sujeitos históricos que ocuparam e povoaram o continente americano, ou melhor, precisamente onde hoje é o território do Brasil. No caso do Maranhão, por ser um espaço transitório entre o norte e o nordeste do país, a Arqueologia acaba concebendo-o como uma área de passagem, estratégica para os fluxos migratórios existentes há milhares de anos na região.



Nesse panorama, a partir da chamada teoria arqueológica da *etnia de passagem* (Binford, 1983), constatamos que grupos de **nômades** deslocavam-se de um lugar a outro, em busca de meios condicionantes para sua manutenção e sobrevivência humana. Nesse processo, deixavam suas marcas registradas em paredões rochosos, como abrigos e rochas de cavernas, tratando-se de **inscrições rupestres**, as quais retratam cenas do cotidiano de sociedades remotas, que ainda precisam ser estudadas de forma profunda.

Sobre essa questão, a reconstituição ou reinterpretação da nossa história e pré-história ocorre por meio da pesquisa arqueológica, que ao abordar a **cultura material**, consegue resgatar, em campo, através das escavações, testemunhos materiais e aspectos constituintes da ocupação e povoamento humano no passado, como forma de se compreender nossa história. Portanto, a consciência e a identificação de um povo com sua história são os elementos transformadores do indivíduo, ao se tornar um cidadão crítico-reflexivo, além de instrumentos necessários a um processo de constituição e incentivo à consciência histórica, em espaços formais e não-formais de aprendizagens.

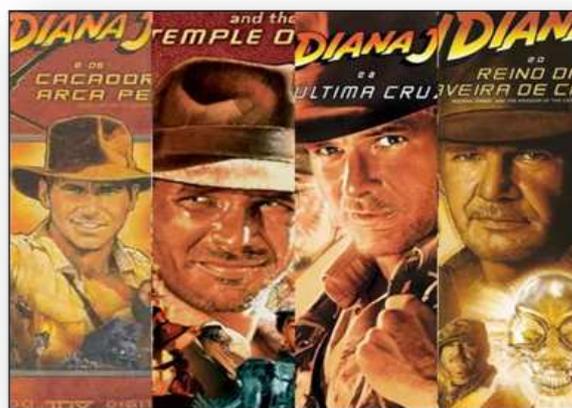
Nesse sentido, percebe-se o papel de órgãos responsáveis pela proteção, gestão e conservação do acervo patrimonial e cultural do Brasil, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (**Iphan**), cuja função realizar a salvaguarda de todos os **bens patrimoniais** materiais e imateriais do território brasileiro, por sua vez, subdividido em superintendências regionais. Entretanto, devido à dimensão continental do país, esse órgão federal (autarquia da União), não consegue acompanhar de perto o processo de preservação e, principalmente, fiscalização, por exemplo, dos sítios arqueológicos nos estados e municípios.

Uma lacuna que permite ocorrer casos de negligência por parte do Poder Público em não fomentar políticas públicas mais eficazes e eficientes e, que consigam contemplar as comunidades que possuem referências ou detêm memórias e histórias sobre novos achados e patrimônios marcados de significados e representatividades para determinados sujeitos e/ou grupos sociais.

Curiosidade

Durante muito tempo, as pessoas creditavam a Arqueologia como um campo meramente de descobertas e aventuras em busca de tesouros, cidades e objetos preciosos e perdidos, alimentando o imaginário fantasioso ou místico de alguns. O que acabou reforçando a ideia do explorador como aventureiro, fama que se propagou em torno da profissão do arqueólogo, sobretudo, por meio de produções cinematográficas estadunidenses, a exemplo, da coleção de filmes *Indiana Jones*, sendo o arqueólogo, estigmatizado à figura de um caçador ou descobridor de tesouros; uma verdadeira visão romantizada. No entanto, entende-se que seu trabalho consiste em execuções de etapas concretas quando se encontra em atividade de campo.

Fig. 6 – Capa da coleção de filmes Indiana Jones.



Para saber mais: Confira os 12 fatos importantes sobre Indiana Jones. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/cultura/confira-12-fatos-importantes-sobre-indiana-jones>.

Acesso em: 13 ago. 2024.

Ao refletirmos sobre isso e para relacionar o aprendizado do aluno à sua experiência, você, professor, poderá desenvolver as seguintes propostas didático-pedagógicas (atividade e plano de aula):

Exercitando os saberes

Atividade de verificação de aprendizagem

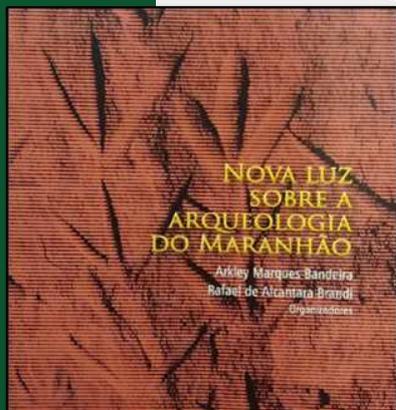
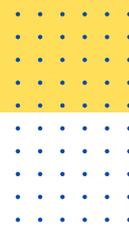
- 1 – Pesquise a definição de Arqueologia, conforme o glossário ao término desta I unidade, e transcreva seu significado.
- 2 – Para você, qual a importância dos estudos e pesquisas arqueológicas na atualidade? Justifique sua resposta.
- 3 – Quem é tido como o Pai da Arqueologia no Brasil? Comente sobre ele.
- 4 – Como a Arqueologia se divide? E quais são os tipos de sítios encontrados no Brasil? Comente sobre cada um.
- 5 – Cite os tipos de sítios arqueológicos existentes no território do Maranhão. Pesquise sobre eles para debate em sala de aula.
- 6 – Quais são as três etapas de trabalho de campo realizadas pelo arqueólogo? Descreva cada etapa no caderno.
- 7 – Descreva o que são sítios arqueológicos e as relações destes com os primeiros homens que ocuparam e povoaram o território maranhense.
- 8 – O que é a Mata dos Cocais? Quais são suas características? E quais os municípios maranhenses que fazem parte da chamada Região ou Território dos Cocais?
- 9 – O que é o Iphan? Qual o seu papel na atualidade? E quais desafios enfrenta quando se fala em preservação patrimonial?
- 10 – Quem foi Indiana Jones? Qual visão é retratada em seus filmes? Comente sobre os filmes estadunidenses acerca de Indiana Jones.

MODELO DE PLANO DE AULA DOCENTE

Área de conhecimento	Ciências Humanas
Componente curricular	História
Público-alvo	Turmas de 6º ano do Ensino Fundamental
Unidade temática	História: tempo, espaço e formas de registros
Duração mínima	45 a 50 min. de aula (conforme o horário de cada escola)
Objeto de conhecimento	As mais recentes descobertas arqueológicas que apontam a origem da humanidade –sítio arqueológico do Maranhão: <i>Lajeiro do Escrivão</i> , em São João do Sóter.
Habilidade(s) adaptada(s)	(EF06HI03) Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação (Maranhão/São João do Sóter); (EF06HI04) Conhecer as teorias sobre a origem do homem americano (maranhense), a partir do sítio Lajeiro do Escrivão; (EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedades – com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos e quilombolas, discutindo a natureza e a lógica das transformações ocorridas e realizadas por outras culturas ao longo do tempo.; (EF06HI06) Identificar geograficamente e historicamente as rotas de povoamento no território americano (maranhense).

<p style="text-align: center;">Sugestões metodológicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 1: Realização de aula campo: passeio guiado à área geográfica onde se encontra o Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão para conhecer, identificar e analisar suas gravuras rupestres (petróglifos), como mecanismo de educação patrimonial. • Atividade 2: Croqui da comunidade: propor aos alunos que produzam um croqui (esquema mental) ou um mapa temático da comunidade rural do Povoado Redondo, caracterizando aspectos locais, como: relevo, vegetação, clima, sujeitos e as gravuras rupestres, destacando as mudanças que ocorreram nos últimos anos, para que possam compreender melhor o espaço físico e histórico. A atividade pode ser desenvolvida com o professor de Geografia.
<p style="text-align: center;">Avaliação</p>	<p>O processo avaliativo deverá ser contínuo e formativo, considerando os conhecimentos prévios de cada aluno da turma, suas bagagens de experiências históricas e de acordo com suas realidades pessoais e locais. Por isso, de forma qualitativa, o professor de História abordará a temática do patrimônio arqueológico de maneira acessível e entendível para seus estudantes, aproximando o objeto de conhecimento <i>Lajeiro do Escrivão</i> com as impressões e significados atribuídos por seu público, interligando o ato de aprender histórico a algo concreto dentro de seu campo pedagógico de atuação.</p>
<p style="text-align: center;">Referências básicas</p>	<p>BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_vers_aofinal_site.pdf. Acesso em: 19 fev. 2023.</p> <p>BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: história – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.</p> <p>MARANHÃO. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1ySAHICYIWheaFju_pkAbykeAbPsE7ce. Acesso em: 02 mar. 2023.</p>

SUGESTÕES DE LIVROS:



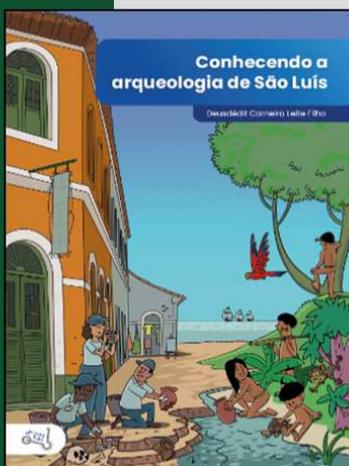
Nova luz sobre a arqueologia maranhense

BANDEIRA, Arkley Marques; BRANDI, Rafael de Alcântara (Orgs.). **Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão**. 1. ed. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural, 2014.



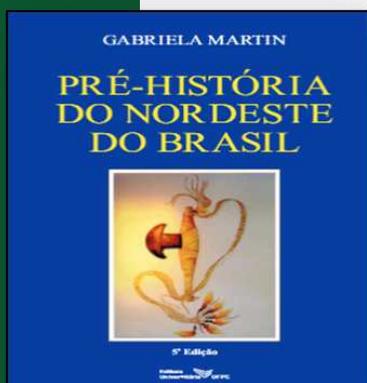
Arqueologia do Maranhão

LEITE FILHO, D.C.; GASPAR, E.; TORRES, T. **Arqueologia do Maranhão**. 1ª ed. São Luís: SECMA, 2008.



Conhecendo a arqueologia de São Luís

LEITE FILHO, Deusdedit Carneiro. **Conhecendo a arqueologia de São Luís**. São Luís: UEMAnet, 2021.



Pré-História do Nordeste do Brasil

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SUGESTÕES DE BLOGS E SITES:

BRASIL. Iphan. **Patrimônio arqueológico**. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Patrimônio Arqueológico do Maranhão. **História lab**. Canal do Laboratório de Ciências Humanas do Campus de Codó da UFMA. Youtube, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nRORTR5W90E>. Acesso em: 09 jun. 2024.

Arqueologia e Pré-História. Canal do Youtube. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/arqueologiaeprehistoriacanal>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SUGESTÕES DE FILMES OU MÍDIAS DIGITAIS:

Filme de ação e aventura

Direção de James Mangold. Estados Unidos, 2023. 2h34min.

Sinopse: Em *Indiana Jones e a Relíquia do Destino*, Indiana Jones (Harrison Ford), famoso arqueólogo, professor e aventureiro, embarca em mais uma missão inesperada. Nessa mais nova produção, o arqueólogo protagonista corre contra o tempo para recuperar o objeto valioso que pode mudar o curso da história da humanidade.



Disponível em: [MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. 5. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.](#) Acesso em: 14 ago. 2024.

Documentário nacional

Direção de Marcos Jorge. Brasil, 2004. 1h19min.

Sinopse: Documentário brasileiro de cunho sociológico e arqueológico que aborda a arte rupestre no país, mostrando importantes manifestações na região do Parque Nacional da Serra da Capivara, no estado do Piauí, e em central, no estado da Bahia, ambos no Nordeste. Assim, esse longa metragem retrata também o trabalho desenvolvido grafiteiros e pichadores urbanos contemporâneos.



Disponível em: <https://vimeo.com/132775716>. Acesso em: 14 ago. 2024.

GLOSSÁRIO

Arqueologia: é o campo da ciência que tem como objeto de estudo a cultura material produzida pelos diversos grupos humanos existentes ao longo da história e nos mais variados espaços geográficos. As ideias e os pensamentos desenvolvidos pelo homem implicam a transformação da natureza e se cristalizam no conjunto de objetos e artefatos que denominamos cultura material, a qual se constitui na natureza socialmente transformada.

Arte rupestre: são manifestações artísticas ou marcas através de gravações e pinturas deixadas por povos antigos desde o início da Humanidade. Os locais mais usados para produção de arte rupestre são paredes ou paredões rochosos, além de tetos de cavernas e abrigos, junto às pedras próximas a recursos hídricos a céu aberto (rios, riachos, lagoas etc.). Assim, nesses locais retratados eram desenhadas formas geométricas, humanas e animais que retratavam vários aspectos da cultura de cada povo.

Bens patrimoniais: são todos os itens de valor para determinado grupo social ou sociedade em particular, em determinada época e espaço geográfico, tendo uma relação de controle e posse sobre esse objeto significativo e apropriado. Possui classificação em móveis e imóveis.

Cultura material: pode ser entendido como todo segmento do meio físico apropriado intencionalmente pelo homem. Ou melhor, um conjunto de bens concretos, palpáveis, nomeados e valorados socialmente por grupos ou sujeitos em uma determinada época e espaço. A exemplo de estruturas, artefatos, paisagens alteradas e outros elementos culturais.

Iphan: é o órgão federal responsável pela gestão do patrimônio arqueológico do Brasil, garantido pelo Artigo 216 da Constituição Federal de 1988 e pela Lei n.º 3.924, de 26 de julho de 1961, sendo esse patrimônio bem da União. Contudo, a proteção de patrimônios arqueológicos é de competência comum tanto da União, quanto dos estados e municípios, sendo proibido o aproveitamento econômico, a destruição e descaracterização de sítios arqueológicos, antes de serem estudados e pesquisados pelos arqueólogos (Lei n.º 13.653/2018), com a devida anuência do Iphan.

GLOSSÁRIO

Mata dos Cocais: trata-se de um tipo de vegetação típica do Meio Norte (sub-região do Nordeste do Brasil), isto é, uma região de transição entre vários domínios fitogeográficos (considerando o clima, relevo e vegetação), sendo eles: Caatinga, Cerrado e a Floresta Amazônica - biomas brasileiros (Rios, 2001). É característico do Maranhão, pela presença do babaçu e a carnaúba.

Nômades: grupos humanos que se deslocavam de uma região a outra, sem local fixo, e que tendem a viver em tribos ou bandos, em tendas ou abrigos temporários.

Patrimônio Arqueológico: é todo bem cultural formado por vestígios materiais, sejam objetos ou espaços (lugares tangíveis), tais como: peças avulsas, sítios arqueológicos, coleções e acervos, que podem ser classificados em bens móveis e imóveis (Brasil/Iphan, 2024).

São João do Sóter: é um município do leste maranhense, localizado na chamada Região ou Mata dos Cocais, sendo antigamente o povoado São João dos Poleiros (pertencente à Caxias), e elevado à cidade no dia 29 de novembro de 1994 (emancipação política). Atualmente, o município tem cerca de 16.889 habitantes (IBGE/2022) e 1.438,1 km² de extensão territorial.

Sedentários: grupos humanos que se fixavam em determinadas regiões, deixando a vida nômade, ou seja, sem permanecerem em um local específico por muito tempo. Um processo de sedentarização de coletividades, sobretudo, devido ao surgimento da agricultura e domesticação de animais.

Sítio arqueológico: são locais onde se encontram vestígios materiais de existência humana ou animal, espacialmente distribuídos, principalmente, materiais (artefatos) usados por grupos para moradia ou abrigo e para atividades que garantissem sobrevivência (Chuva, 2014). No Brasil, os sítios arqueológicos são protegidos por lei desde 1961.

UNIDADE II - Lajeiro do Escrivão: um sítio de arte rupestre e de memórias étnicas e milenares

Objetivos da unidade:

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. Identificar o Lajeiro do Escrivão como objeto de conhecimento no ensino de História e suas especificidades rupestres;
2. Compreender as representações sociais e narrativas que cercam este lugar de memórias;
3. Sugerir propostas didático-pedagógicas visando uma interatividade entre professores de História e seus alunos em sala de aula e fora dela.

Que tal desvendarmos o Lajeiro do Escrivão?

• Caça ao “redondo”

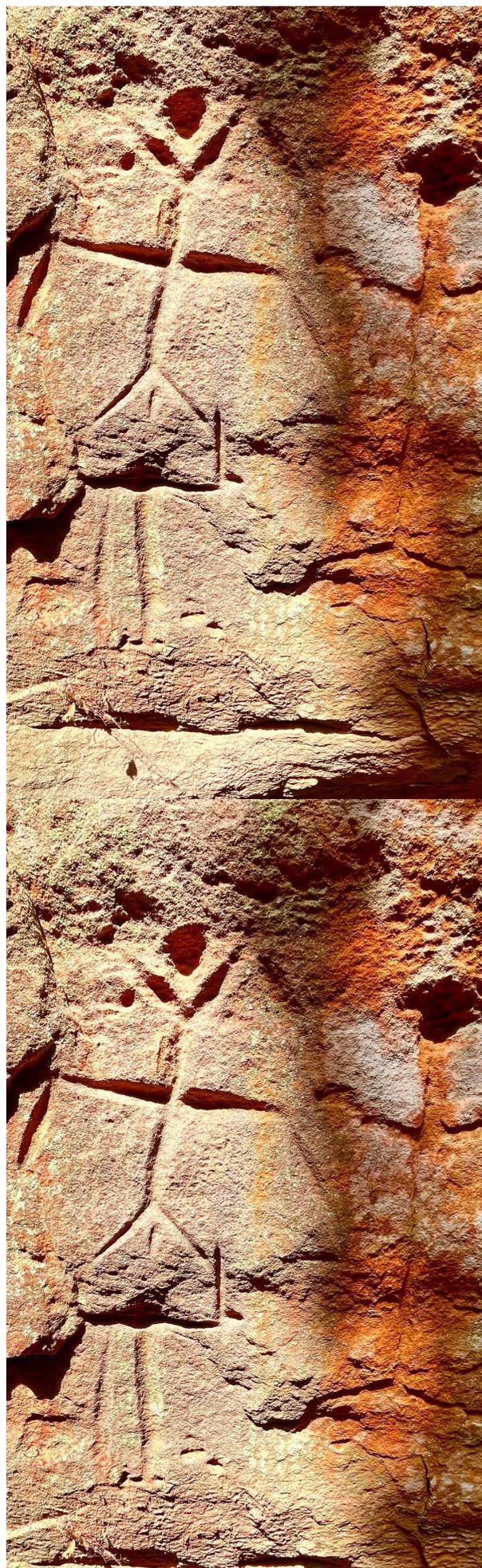
Em São João do Sóter existem vários lugares de memórias. No entanto, um de seus espaços mais peculiares trata-se do chamado Lajeiro do Escrivão (designação oficial mantida pela atual prefeitura municipal), um local marcado por desenhos gráficos feitos em paredes rochosas de arenito e deixadas por ancestrais que passaram naquela região há milhares de anos. Destaca-se que esta é a visão tida pelos moradores do *Povoado Redondo*, nome atribuído justamente à famosa “pedra redonda”, cheia de rabiscos traçados em um passado distante.

Você sabia?

Antigamente, o Povoado São João dos Poleiros, hoje São João do Sóter, pertencia à Caxias, antes de seu processo de emancipação política, ocorrido em 10 de novembro de 1994, sob a Lei n.º 6.157, desmembrando-se de Caxias e se tornando um novo município, cujo nome foi dado em homenagem ao ex-proprietário do antigo povoado, o Sr. Sóter Mendes, pioneiro no desenvolvimento ocupacional e econômico daquela região.

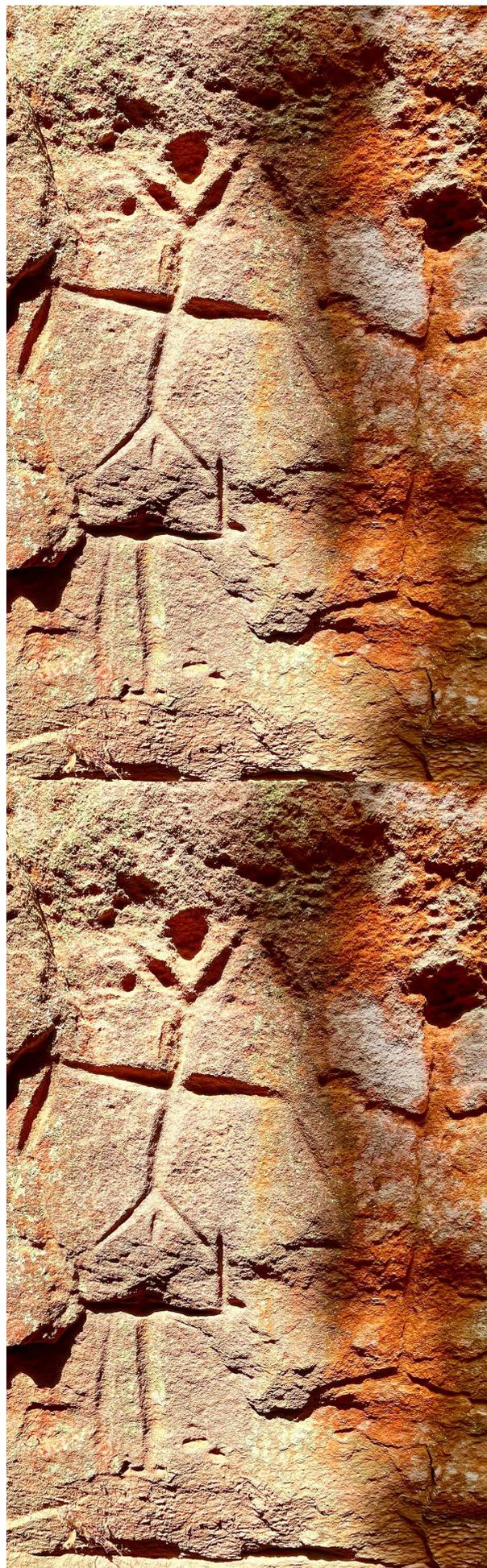
Dando continuidade, ao falarmos desse bem patrimonial de natureza arqueológica, será necessário reportarmos cronologicamente ao ano de 1995, em que alguns pesquisadores arqueológicos ao escavarem o espaço do antigo quartel militar, localizado no Morro do Alecrim, em Caxias, resolveram fazer uma visita técnica ao antigo povoado de São João dos Poleiros, (zona rural de Caxias/hoje São João do Sóter). Com o apoio logístico de professores e alunos do curso de História da UEMA/Campus Caxias.

Logo, temos a notícia de uma “descoberta arqueológica”, a partir da matéria intitulada *Homem primata morou em Caxias*, divulgada pelo Jornal Folha dos Cocais, que circulava na cidade de Caxias, no final da década de 1990, onde se evidenciava a localização de uma “pedra gigantesca com inscrições primitivas”, um achado envolto de memórias míticas que compõem o imaginário popular, como a possível existência de ouro naquela região, segundo alguns moradores antigos daquela localidade.



Com isso, o que nos chama mais atenção é o relato de um lavrador, o Sr. Luiz Silva, ao afirmar que, em 1961, “havia presença de pesquisadores estrangeiros naquela mata fechada e densa, outrora, de difícil acesso”. Ou seja, o olhar do exterior, ou melhor, a presença de diferentes sujeitos interessados nas potencialidades e riquezas arqueológicas do vasto território maranhense, como “americanos, russos e japoneses” (Relato de Luiz Silva. Jornal Folha dos Cocais, 1995, p. 4). Percebe-se, assim, uma demonstração peculiar da tradição oral que circunda o atual Lajeiro do Escrivão e que, ao longo do tempo, recebeu inúmeras designações toponímicas.

Nisso, o Lajeiro do Escrivão é um **lugar de memórias** ancestrais de antigos povoadores nômades que deixaram seus registros rupestres naquela localidade; um espaço ainda não incorporado à narrativa oficial, de forma totalizante, mas que compõe a realidade dos atuais moradores do Povoado Redondo, permeados de narrativas orais a partir dos significados de cada inscrição rupestre marcada naquele paredão rochoso, um monumento a céu aberto e detentor de características coexistentes, tais como: a materialidade, a funcionalidade e o simbolismo (Nora, 1993).



Afinal, a preservação e manutenção de bens patrimoniais histórico-culturais só ocorrem quando há um processo de formação e conscientização efetivo, para que as gerações futuras usufruam dessa herança cultural, a partir dos testemunhos do passado deixados, o que contribui, significativamente, para o desenvolvimento da **identidade** local, regional e nacional.

Ao longo dos anos, foram realizadas inúmeras visitas técnicas e algumas prospecções à área que compreende o atual sítio retratado, ocorridas, respectivamente nos anos de 2000, 2012 e 2017, através do Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPHNAMA), órgão do estado do Maranhão. No caso, visitas técnicas realizadas ao longo dos anos, em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, campus Caxias; Prefeitura Municipal de São João do Sóter e Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mediante Departamento de Identificação e Documentação – DID, cuja função compete preencher, alimentar, atualizar, disponibilizar e tornar acessível o Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), ao público interessado.

Com isso, quando nos referimos ao Lajeiro do Escrivão, destacamos que, foram feitas viagens e produções de relatórios e fichas como mecanismos de identificação, reconhecimento e avaliação de um patrimônio arqueológico local, pouco conhecido e divulgado, a fim de fomentarmos e executarmos medidas preventivas de combate à degradação ambiental, causada pela visita desordenada ao sítio, bem como a adoção de um órgão competente e específico, composto de agentes que possam fiscalizar o entorno do Lajeiro do Escrivão.

Breves reflexões

“Esses bens encontram-se ameaçados por vandalismos e por depredação, provocada com vistas à sua comercialização ilegal ou mesmo por famílias que acham esses bens fortuitamente e guardam como enfeites em suas casas. Esses bens são bastante vulneráveis aos danos causados pelas condições ambientais” (Chuva, 2014, p. 283).

Algo a mais: *Descoberta arqueológica na Região dos Cocais*



Fonte: Jornal Folha dos Cocais (1995, p. 4).

Mapeando possibilidades

Pergunta: Como trabalhar com jornais nas aulas de História? (Fonte Hemerográfica)

Comentário e resposta: Professor, trabalhar jornais como fontes históricas em sala de aula não é uma tarefa fácil. Assim, para melhor auxiliá-lo, metodologicamente, as autoras Schmidt e Cainelli (2004) fazem uma descrição de como utilizar o documento em sala de aula, em que isso pode ser feito em três etapas, segundo elas.

Primeira fase: Identificação do documento.

É importante nessa etapa que o professor ajude os alunos a identificar com qual tipo de fonte eles estão lidando, se é uma fonte primária ou secundária e qual sua tipologia - material, escrita, oral ou visual. O próximo passo seria tirar algumas dúvidas acerca de palavras que possam não ter sido bem compreendidas, seja pela escrita diferente à época atual ou por um significado desconhecido. Depois, é preciso esclarecer a natureza do documento, se ele é oficial, um texto de um historiador, da imprensa, religioso etc. Assim, podemos olhar para o documento fazendo os seguintes questionamentos crítico-reflexivos: "Quem fez o documento?"; "Qual a intenção do autor?", entre outros.

Mapeando possibilidades

Segunda fase: Explicação do documento.

Nessa etapa, cabe ao professor explicar o documento analisado, a partir de questionamentos aos alunos, a fim de confrontar seus conhecimentos prévios e suas experiências pessoais. Em outras palavras, seria contextualizar o documento e fazer uma crítica a ele.

Terceira fase: Comentário do documento.

A última etapa consiste em um comentário com três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, traz-se toda a análise dos dados coletados ao longo da identificação do documento investigado. O desenvolvimento é o momento de explicitar a crítica ao documento, voltando sempre que necessário a ele, ajudando os alunos a embasarem seus argumentos, conforme as evidências encontradas na fonte histórica. Enquanto a conclusão é a parte de os alunos refletirem sobre suas impressões referente ao documento (fonte) analisado, e o que ele contribuiu para a resolução das indagações feitas inicialmente.

Dessa forma, um dos pioneiros em sensibilizar o olhar e direcionar um estudo mais concreto sobre o Lajeiro do Escrivão, foi o arqueólogo *Deusdedit Carneiro Leite Filho*, responsável pelo primeiro registro junto ao Iphan, em que mediante uma prospecção na área do sítio, em 2000, pode-se obter algumas informações peculiares sobre o mesmo, a partir de alguns requisitos estabelecidos: identificação e localização; estado de conservação; material/vestígios arqueológicos coletados e algumas observações pertinentes mapeadas.

Em relação à **toponímia** do sítio arqueológico em estudo, esclarecemos que a terminologia Lajeiro do Escrivão reporta-se ao lajeado arenítico que compõe sua estrutura física, ou melhor, ao conjunto de **inscrições rupestres** registradas no lajeado, paredão rochoso em destaque.

Entretanto, ao longo do tempo, percebemos que esse sítio, recebeu também outras denominações por diferentes sujeitos, por exemplo, no primeiro registro levantado, no ano de 2000, o Lajeiro do Escrivão era conhecido como “Cabeceira do Zé Vicente” (Leite Filho, 2000, p. 1), provavelmente, em atribuição a um dos moradores mais antigos do Povoado Redondo. Ademais, o sítio também ficou conhecido e denominado, algumas vezes, de “Lajeado do Escrivão” (Leite Filho, 2012, p. 3), ou então, “Pedra do Redondo” (Leite Filho, 2017, p. 1).

Tabela 1 - Lista com os vários nomes atribuídos ao sítio arqueológico retratado.

Ordem de nomeação	Toponímia	Datação cronológica
1 ^a	Cabeceira do Zé Vicente	Ano: 2000
2 ^a	Lajeado do Escrivão	Ano: 2012
3 ^a	Pedra do Redondo	Ano: 2017
4 ^a	Lajeiro do Escrivão	Ano: 2024

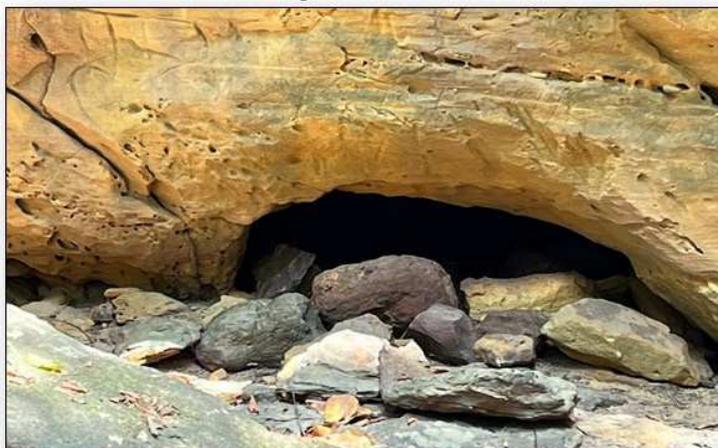
Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Dessa forma, todas essas designações caminham para um mesmo sentido, ou seja, em alusão ao formato físico do sítio, um *lajeado*, *lajeiro*, *laje*, uma pedra grande, rochosa e plana. Com isso, reiteramos que permanece, até o momento, a toponímia Lajeiro do Escrivão como forma de nomear, em termos técnicos, aquele local de vestígios arqueológicos, justificado pelo enorme comprimento (extensão e formato) e pelas inscrições rupestres que remetem a antigas etnias humanas.



Mas, afinal de contas, do que se trata o Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão?

Fig. 7 – Atual condição do sítio abordado (abrigo sob rocha).



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Como forma de concebê-lo, pois nomear é um ato de poder e se constitui como elemento da própria História Local, o Lajeiro do Escrivão trata-se de um sítio pré-colonial (ou pré-histórico), do tipo abrigo sob rocha, com cerca de 4m de altura máxima (a partir do nível do solo), e 32,5m de comprimento (Leite Filho, 2017). Acerca disso, percebemos a recente configuração física do sítio, a partir de suas formações e deformações naturais, marcada pela ação antrópica, por meio das inscrições rupestres em seu rochedo (Figura 7 e Figura 8).

Fig. 8 – Paredão rochoso que sofre com a ação do intemperismo físico e biológico.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Você sabia?

Segundo Barbosa (2018), o Lajeiro do Escrivão possui cerca de 40 mil anos de existência, cujas gravuras ainda não foram explicadas pelo campo arqueológico. Além disso, ainda não foi feita nenhuma escavação no local, e sim, uma mera prospecção (levantamento técnico de dados por equipes arqueológicas).

Em outras palavras, trata-se de um sítio pré-histórico de arte rupestre, formado por um paredão rochoso de arenítico, marcado por, exclusivamente, gravuras rupestres, os chamados, **petróglifos**, com representações **zoomorfas**, **antropomorfas** (Figura 9) e **fitomorfas** (Figura 10), como percebemos nas ilustrações seguintes.

Fig. 9 - Figura antropomórfica.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Fig. 10 - Figuras fitomórficas.



Fonte: Acervo do autor (2023).

A partir disso, identificamos que esse sítio petroglífico torna-se um objeto de atração ecoturístico e cultural relevante para as futuras demandas na região dos Cocais, referentes ao seu processo de patrimonialização, frente aos conflitos de interesses naquele território. Nesse contexto, de modo descritivo, segundo o arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho (2012):

Fig. 11 - Materialidade física do sítio.



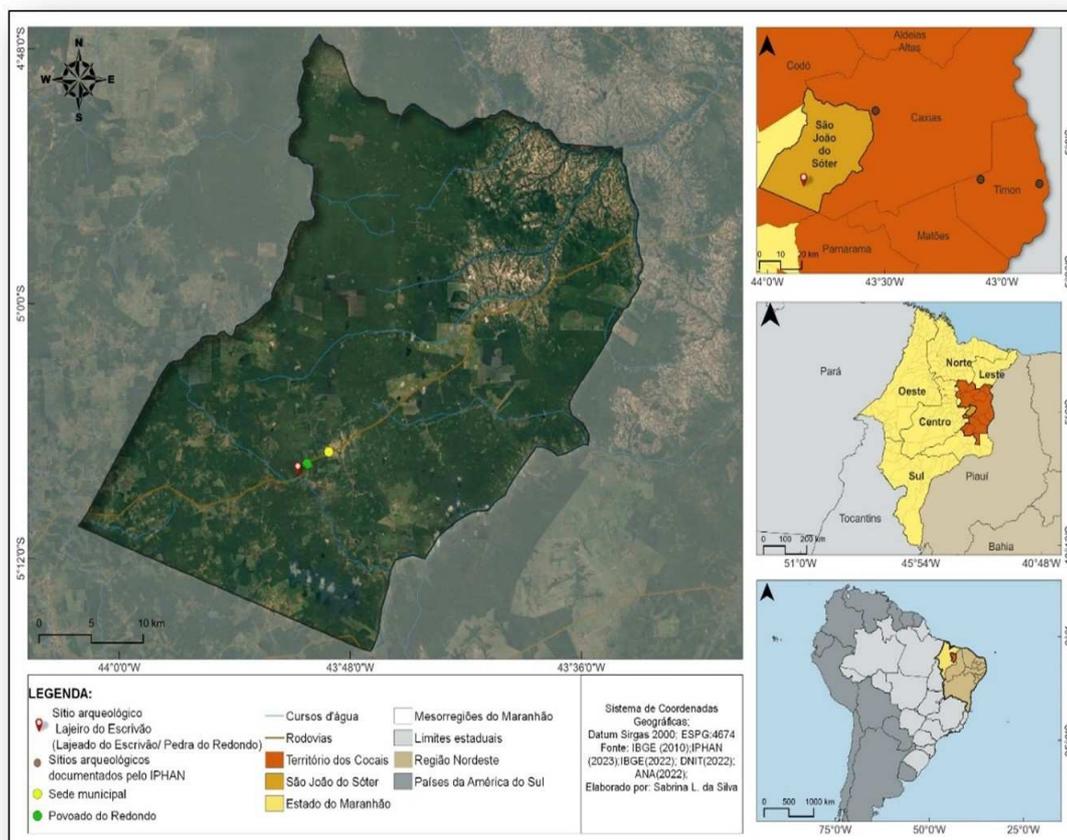
Fonte: Acervo do autor (2023).

O afloramento rochoso no qual o mesmo se encontra inserido apresenta um perfil exposto de 32,50 metros de arenito, no sentido norte-sul. As gravuras rupestres estão localizadas numa faixa central de cerca de nove metros, voltadas para o leste. [...] As gravuras representadas foram elaboradas com a utilização de técnicas mistas de polimento ou raspagem (polissoar), formando sulcos em forma de u ou v, ou netão pela incisão de finos traços (filiforme). Existe a evidência de vestígios de pigmentos nos sulcos, o que tornaria esse sítio singular para a região, embora essa característica precise ser melhor estudada ou constatada nas pesquisas futuras (Leite Filho, 2012, p. 3-4).

Os aspectos retratados acabam por potencializar e configurar a singularidade do Sítio Lajeiro do Escrivão, por meio do conjunto de técnicas perceptíveis durante o processo de elaboração das gravuras esculpidas em sua rocha, a partir de várias técnicas, tais como: **incisão**, **abrasão** e **picotagem**. Registros estes deixados por seus antigos povoadores que se estabeleceram naquela região, dada às condições favoráveis de clima, relevo, vegetação e solo em tempos remotos.

Logo mais (Figura 12), apresentamos melhor a localização precisa e atual do sítio descrito. E que está dentro da propriedade privada, atualmente pertencente à senhora Gilvana Costa Rocha Paula, propriedade que fica às margens da estrada vicinal, cortando o Povoado Redondo, a cerca de 2 km da sede urbana de São João do Sóter.

Fig. 12 – Atual localização geográfica do Lajeiro do Escrivão.



Fonte: Elaborado por Sabrina Lopes da Silva (2023).

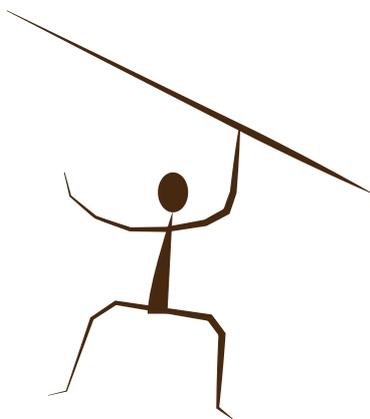
Embora a Prefeitura Municipal de São João do Sóter tenha conhecimento da existência do sítio arqueológico abordado, até o momento, não foi realizada nenhuma iniciativa, por parte do Poder Público, em adquirir o terreno onde está o lajeiro, a fim de iniciar seu processo de tombamento em instâncias maiores, ou até mesmo, inscrevê-lo em um inventário participativo de patrimônios culturais locais, como forma de reconhecê-lo perante toda a sociedade, de modo em geral.

Daí em diante, percebemos a escassez de políticas públicas que protejam e assegurem bens arqueológicos negligenciados, visto que, segundo a legislação vigente, é de competência da União garantir **processos de salvaguardas** de patrimônios arqueológicos em âmbito federal. Logo, a falta de parcerias institucionais, no âmbito municipal e estadual, leva ao processo de deterioração e vandalismo desse bem patrimonial, à mercê de intrusos à propriedade particular em questão, muitas vezes, sem a devida autorização prévia para visita.

Você sabia?

Segundo Leite Filho (2012), no Lajeiro do Escrivão, observa-se alguns elementos figurativos atípicos, “[...] reconhecidos como figuras antropomorfas (pelo menos 10) e zoomorfas (pelo menos 1), além de representações geométricas ou de grafismos puro, cúpulas, bastonetes, etc.” (Leite Filho, 2012, p. 4), sendo que, as figuras antropomorfas são os traços da fisionomia humana; as figuras zoomorfas; traços de animais típicos da região e as figuras fitomorfos, por sua vez, remetem aos formatos de plantas que compõem a cobertura vegetal daquele espaço.

É interessante evidenciarmos que, em 2012, o arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho, do Cphnama, visitou o Lajeiro do Escrivão e sugeriu um conjunto de medidas de prevenção ao sítio, porém não obteve retorno favorável por parte da Prefeitura Municipal; principal instituição pública a coordenar a proteção desse bem e seu turismo controlado, ou a promoção do chamado ecoturismo em São João do Sóter. Logo, foram sugeridas algumas políticas de valorização, gerenciamento e preservação desse patrimônio arqueológico, tais como:

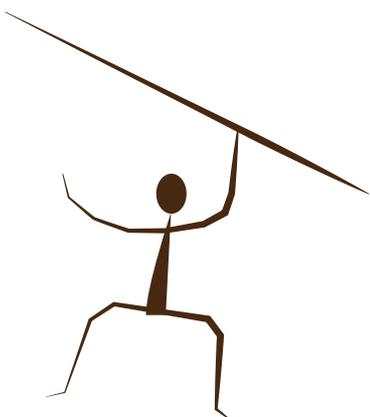
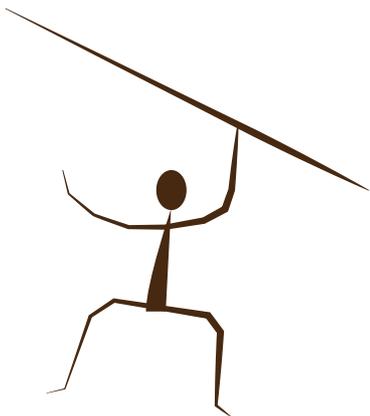
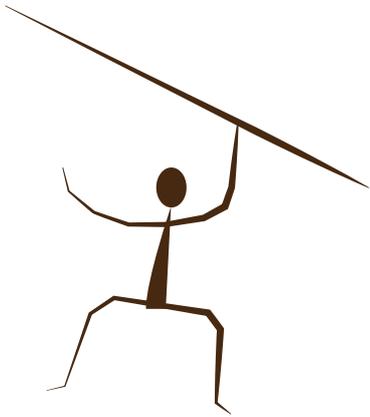


01- Cadastramento do Sítio. 02 – Elaboração e adoção de um plano de gestão. 03- Diagnóstico e medidas mitigadoras de impacto. 04 – Aquisição da área do entorno pela Prefeitura Municipal e implantação de um parque ecológico/cultural. 05 – Documentação gráfica do sítio, segundo a metodologia Valcamonica-Mila Simões; 05- Levantamento do potencial de sítios arqueológicos contendo arte rupestre na região. 06- Ações educativas voltadas a educação patrimonial (cartilha, folder, vídeos, etc); 07 – Projeto de acessibilidade e sinalização: Parque-Sítio (Leite Filho, 2012, p. 4-5).

Nessa perspectiva, o que faltou para a efetividade de tais medidas públicas propostas foi justamente a ação da Prefeitura Municipal que poderia, dentro das possibilidades ofertadas, firmar um termo de cooperação ou buscar uma parceria, por exemplo, junto aos órgãos responsáveis por essa proteção, preservação e divulgação, como a Secretaria de Estado da Cultura, em especial, o Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão, o Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão, além da Superintendência do Iphan/MA.

Em termos de publicização, em 2018, a Prefeitura Municipal de São João do Sóter, através da Secretaria Indústria, Comércio e Turismo (Sincotur), criou e alimentou um blog (um tipo de canal de informações), onde se apresenta o Lajeiro do Escrivão, além de tratar o sítio como um bem cultural local, inscrito no inventário turístico municipal (Barbosa; Souza, 2019).

Essa iniciativa é pontuada como uma ação positiva em oportunizar aos interessados e usuários do blog da Sincotur/SJS, conhecerem um dos patrimônios arqueológicos da Região dos Cocais, sendo um sítio composto exclusivamente por petróglifos (gravuras rupestres), feitos por **etnias paleoameríndias**; grupos que antecederam os indígenas no território que hoje se concebe como São João do Sóter, outrora, Caxias, principalmente, porque o processo de ocupação e formação de ambas as cidades está interconectado por fatores históricos, geográficos, culturais e econômicos similares.



Mencionamos que, para além daquilo que foi produzido e divulgado no blog da Sincotur de São João do Sóter (Barbosa, 2018), isto é, mantido oficialmente pela prefeitura municipal, foram mapeadas algumas matérias informativas publicizadas em blogs e sites regionais, produzidas por Cláudio Sabá (2013) e Denis Silva (2018), além de um vídeo informativo disponível na plataforma YouTube produzido por Filipe Bezerra Costa (2020). Somadas as divulgações do canal História Lab (2020) da UFMA/Campus Codó. Logo, todas essas iniciativas louváveis foram realizadas com o intuito de visibilizar esse sítio arqueológico, visto que, ele é ainda um objeto cultural marginalizado tanto pelos olhares do Poder Público, como da própria sociedade de São João do Sóter, por desconhecer sua existência simbólica e referência identitária como elemento formador e característico daquela região.

Descaso na área do Lajeiro do Escrivão

Fig. 13 – Painel físico do Lajeiro do Escrivão desgastado devido a ação do tempo.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Apesar de muitas gravuras rupestres que compõem o Lajeiro do Escrivão se encontrarem em um estado de deterioração avançado, seja pelo **intemperismo** de todas as formas e tipos, seja pelo avanço da vegetação ou mesmo pela ação humana, que as desvalorizam e as danificam (Figuras 13 e 14). Mesmo assim, continuam a representar um documento testemunhal da história da sociedade de que são remanescentes. Isto é, dos grupos étnicos que passaram e ocuparam aquela região geográfica de longa duração.

Fig. 14 – Painel do Lajeiro do Escrivão sob a ação de fungos (líquens) e do intemperismo, o que prejudica sua integridade física e estética.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Gostou, professor? Agora é sua vez!

Você poderá trabalhar a seguinte atividade abaixo. Boa sorte!

Exercitando os saberes

Atividade de verificação de aprendizagem

1 – Qual o nome do atual Povoado onde se encontra a localização geográfica do Lajeiro do Escrivão, situado a cerca de 2km da sede do município de São João do Sóter?

- a) Povoado Redondeza
- b) Povoado São João dos Poleiros
- c) Povoado Redondo
- d) Povoado Pedra Redonda

2 – Qual o arqueólogo (a) é tido (a) como o pioneiro (a) no processo de prospecção (levantamento) e constantes visitas técnicas ao sítio Lajeiro do Escrivão?

- a) Luiz Silva
- b) Deusdedit Carneiro Leite Filho
- c) Gilvana Costa Rocha Paula
- d) Filipe Bezerra

3 - Segundo Barbosa (2018), o Lajeiro do Escrivão tem provavelmente quantos anos de existência (datação aproximada)?

- a) 20 mil anos a.c
- b) 30 mil anos a.c
- c) 40 mil anos a.c
- d) 50 mil anos a.c

4 - O sítio arqueológico estudado possuiu vários nomes (toponímias) ao longo do tempo. Assim, qual foi o primeiro nome dado ao Lajeiro do Escrivão, segundo Deusdedit Carneiro Leite Filho (2000)?

- a) Pedra Grande
- b) Pedra Redonda
- c) Cabeceira do Zé Vicente
- d) Redondo Velho

5 - Depois de toda leitura e estudo feito sobre o Lajeiro do Escrivão, marque a alternativa correta. Esse sítio arqueológico abordado pode ser entendido como:

- a) um sítio de arte rupestre, exclusivamente, composto por pinturas
- b) um sítio de arte rupestre, exclusivamente, composto por gravuras
- c) um sítio de arte rupestre, predominantemente, com urnas funerárias
- d) um sítio de arte rupestre, essencialmente, composto por figuras humanas

6 - Comente sobre a área onde está situado o Lajeiro do Escrivão e algumas narrativas existentes sobre sua existência e representação para os moradores de seu entorno.

7 - O sítio arqueológico é caracterizado por quais tipos de figuras rupestres? Fale sobre alguns aspectos físicos que formam o painel do sítio.

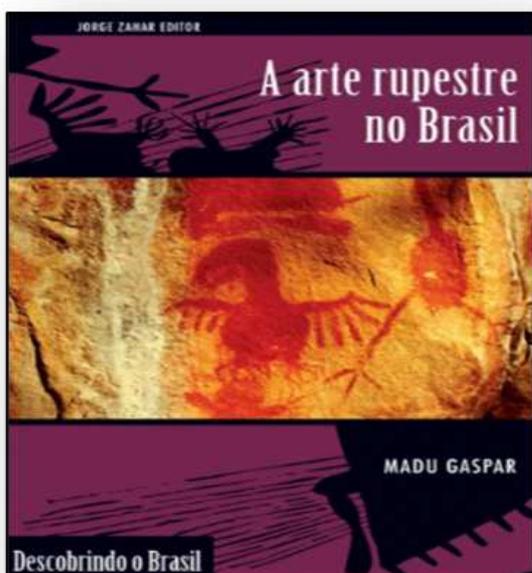
8 - De que forma os blogs e sites da Região dos Cocais noticiaram o sítio na internet? E para você, quais são os possíveis impactos dessas publicizações nas mídias digitais? Discorra sobre isso.

9 - O que são os chamados petróglifos? Quais as reais dificuldades de escavações na área do Lajeiro do Escrivão?

10 – Como o Poder Público, junto à sociedade civil, podem criar mecanismos de proteção e conservação efetiva e imediata do sítio? Identifique uma forma de preservação e divulgação desse bem patrimonial e dê sua opinião.

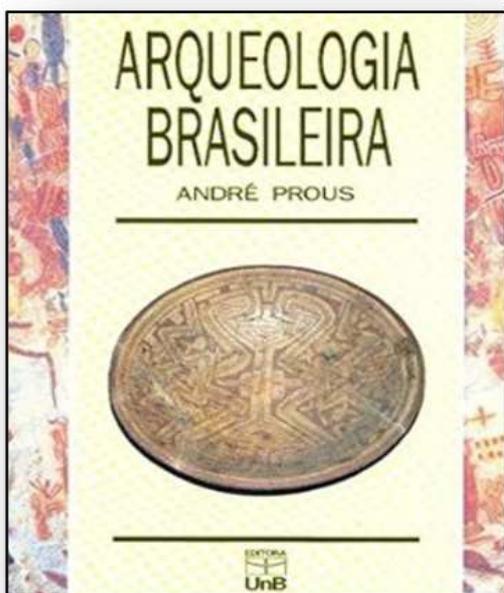
Gabarito: 1-C; 2-B; 3-C; 4-C; 5-B

SUGESTÕES DE LIVROS:



A arte rupestre no Brasil

ASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.



Arqueologia Brasileira

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

SUGESTÕES DE BLOGS E SITES:

BARBOSA, Caio. Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão. **Blog sincotur-sjs**. São João do Sóter, fev. 2018. Disponível em: <http://sincotur-sjs.blogspot.com/2018/02/sitio-arqueologico-lajeiro-do-escrivao.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SABÁ, Cláudio. **Exclusivo: inscrições rupestres próximas a Caxias (Jornal dos Cocais)**. Blog do Sabá. Caxias, 26 mai. 2013. Disponível em: <http://www.blogdosaba.com.br/2013/05/exclusivo-inscricoes-rupestres-proximas.html?m=1>. Acesso em: 20 jan. 2022.

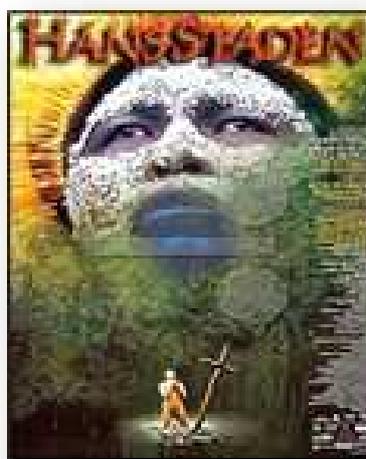
SILVA, Denis. Instituto Federal do Maranhão discute projetos voltados ao Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão. **Blog noticiando**. Caxias, 22 out. 2018. Disponível em: <https://noticiando2018.wordpress.com/2018/10/22/instituto-federal-do-maranhao-discute-projetos-voltados-ao-sitio-arqueologico-lajeiro-do-escrivao/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SUGESTÕES DE FILMES OU MÍDIAS DIGITAIS:

Filme dramático e biográfico

Direção de Luiz Alberto Pereira. Rio de Janeiro, 1999. 1h32min.

Sinopse: Esta produção fílmica narra a história do soldado e marinheiro alemão Hans Staden que, no início do século XVI, foi capturado por uma tribo tupinambá, inimiga dos colonizadores portugueses.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Htv68HmNWU&t=4s>. Acesso em: 14 ago. 2024.

Documentário Memória de Pedra

Direção de Marcus Saldanha Brasil, 2018. 43min45seg.

Sinopse: Este documentário foi produzido com o intuito de contar a história dos sítios arqueológicos concentrados em São Luís. Sendo esses sítios conhecidos como sambaquis, onde viveram os primeiros habitantes da capital maranhense.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jBL56sM-F6k>. Acesso em: 14 ago. 2024.

GLOSSÁRIO

Abrasão: é a técnica na qual o volume do suporte rochoso é retirado também com uso de instrumento, contudo as marcas são menos profundas; não apresentam um atrito com uso de percutor, e se dá a partir de movimentos contínuos que permitem a retirada do volume do suporte.

Antropomorfo: aquilo que representa ou remete à forma humana.

Etnias paleoameríndias: são grupos humanos que compartilham traços linguísticos, tradições ou de origem em comum, sendo os grupos paleoameríndios ou paleoamericanos os termos para designarem os primeiros povos que entraram e, depois, habitaram o continente americano.

Fitomorfo: aquilo que representa, ou remete à forma de um vegetal da natureza, ou à estrutura de uma planta.

Identidade: é o sentimento de reconhecimento de si próprio. É o conjunto de caracteres particulares, que identificam uma pessoa ou grupo social. É o ideal de pertencimento a um determinado lugar ou meio, sendo vinculado à memória individual ou coletiva em uma época específica.

Inscrições rupestres: é o conjunto de gravuras e pinturas encontradas em diferentes partes do mundo e, que nos ajudam a compreender a existência e sobrevivência da espécie humana.

Incisão: é a técnica de corte feito na rocha, através de traços finos horizontais e verticais.

Intemperismo: trata-se do processo natural de desgaste dos corpos rochosos, dividido em: químico, físico e biológico. Entendido como uma fragilidade da estrutura física, suscetível à erosão.

GLOSSÁRIO

Lugar de memórias: é um espaço construído pelos afetos e pelas memórias dos sujeitos atrelados ao seu local de origem ou pertença (Nora, 1993). Não sendo algo espontâneo, pelo contrário, precisa ser querida e retomada pelos lugares, que são verdadeiros pontos de referências e indicativos da história de sujeitos e coletividades. Uma memória intencional que deve ser vigiada como tal, sob pena de ser esquecida ou não se configurar mais como um refúgio assim como deveria ser.

Petróglifos: ou gravuras rupestres, são imagens geometrizadas e simbólicas, associadas a mitos ou fatos, gravadas nas rochas das paredes internas e externas de cavernas. São produzidas por populações neolíticas e encontradas em todos os continentes.

Picotagem: é uma técnica bem elaborada, a qual demonstra como o processo de retirada do suporte rochoso se dá através de golpes na rocha com uso de um bloco de rocha menor, como o seixo, que provoca a tensão na rocha e, através da dispersão da força, consegue retirar os fragmentos do suporte e, assim, permite elaborar o petróglifo pretendido.

Processos de salvaguardas: trata-se de um conjunto de medidas que garantem a integridade e preservação de um bem cultural, através da proteção institucional concedida por determinada autoridade a um determinado patrimônio.

Toponímia: refere-se ao nome próprio de um lugar, seja da sua origem ou evolução. Um lugar enquanto um espaço vivido, uma construção socioespacial, com fortes ligações com a história, a geografia e a arqueologia. .

Zoomorfos: aquilo que representa ou remete à forma de um animal.

UNIDADE III - Um panorama arqueológico local: técnicas, visitas e protagonistas de memórias e saberes históricos

Objetivos da unidade:

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. Especificar as técnicas locais usadas para a produção das gravuras rupestres que compõem o Lajeiro do Escrivão;
2. Relatar visitas feitas ao sítio e os principais fios de memórias carregados por protagonistas desse patrimônio arqueológico;
3. Sugerir a prática de educação patrimonial na área do Lajeiro do Escrivão como instrumento constituinte do saber histórico escolar e de uma aprendizagem significativa.

Vamos conhecer a fundo este sítio de arte rupestre?

Em relação ao conjunto de petróglifos que compõe o Lajeiro do Escrivão, muitas deles ainda não foram decifrados. Mas, o que percebemos são elementos que constituíram o cotidiano de grupos étnicos que passaram naquela região, em tempos remotos, ainda não datado, visto que, até o momento, não houve uma escavação, propriamente dita, na área do sítio arqueológico, e sim, algumas prospecções por meio de visitas de arqueólogos e historiadores.

Diante disso, o que podemos afirmar com propriedade é que o Lajeiro do Escrivão é o único sítio de gravuras rupestres, exclusivas da Região dos Cocais, sem possuir pinturas em seus rochedos de arenito. Isto é, uma pedra gravada por formas humanas, vegetais e animais típicas daquela vegetação (Figura 15). Além de ser o único do estado do Maranhão com a presença de gravuras nos **sulcos** das rochas, até hoje (Barbosa, 2018), coletadas com o auxílio do **decalque**.

Historicamente, esse lajeado apresenta motivos distintos em seu conjunto, os petróglifos, compostos por técnicas de marcações, a exemplo do **percutor**. Ao lado se percebe melhor essa técnica, sendo evidente na rocha de arenito.



Fig. 15 - Exemplo de vegetal gravado em rocha.



Fonte: Acervo do autor (2024).

Além disso, temos também o chamado petróglifo feito por abrasão. Um tipo de técnica usada pelo atrito entre as rochas e uso de vários movimentos precisos, posto que o Lajeiro do Escrivão segue como tradição rupestre, a **tradição geométrica**, típica do Nordeste (Martin, 2013), e constituída por grafismos puros.

Para melhor visualização, percebemos tais descrições, na sequência de imagens. Fique de olho!

Fig 16 - Exemplo de traçamento feito na rocha arenítica.



Percebemos a chamada *incisão*, feita com vários traços distintos na superfície.

Fonte: Acervo do autor (2023).

Fig 17 - Exemplo de cruzamento feito na rocha arenítica.



Identificamos a chamada *abrasão*, feita com várias linhas cruzadas na superfície.

Fonte: Acervo do autor (2023).

Dando continuidade, dentre as várias visitas guiadas feitas ao sítio arqueológico Lajeiro do Escrivão, a principal foi a visita técnica ocorrida no dia 14 de outubro de 2023 (sábado), na qual, na condição de pesquisador (Figura 18), acompanhado por meu orientador, Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro (PPGHIST/UEMA), e pela Sra. Betânia, moradora de São João do Sóter, pude detalhar em relatório *in loco*, minhas impressões quanto ao impacto do Lajeiro do Escrivão naquele espaço geográfico; um verdadeiro lugar de memórias étnicas, com ares de mistérios e uma sensibilidade atípica, perceptível em todos seus visitantes e curiosos.

Fig. 18 - Pesquisadores em visita técnica ao sítio retratado.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Com isso, esclarecemos que tal visita teve o conhecimento e autorização prévia da Senhora Gilvana Costa Rocha Paula, que prontamente permitiu nossa visita e tiragem de fotografias para melhor descrição do percurso, feito pelos seus vários visitantes.

Assim, ao chegarmos ao Povoado Redondo, percebemos logo a abundância da fauna e flora local, característica da Região dos Cocais, marcada por árvores de grande porte, com a predominância de mangueiras e babaçuais, situadas em um relevo com deformações, subidas e descidas. Além da existência de algumas casas, de taipas e de tijolos, no Povoado Redondo, próximas à entrada do atalho que nos leva até o Lajeiro do Escrivão; um percurso que só pode ser feito a pé, conforme as imagens a seguir nos demonstram (Figuras 19 e 20).

Fig. 19 – Entrada para o sítio arqueológico.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Fig. 20 – Algumas moradias no Povoado Redondo, em São João do Sóter.



Fonte: Acervo do autor (2023).

Nessa visita realizada, identificamos que, devido ao êxodo rural, o Povoado Redondo possui poucas moradias, e os poucos residentes do local, inicialmente, se recusaram a tirar fotografias para este trabalho. Em contrapartida, foram bastante solícitos e atenciosos quanto aos questionamentos feitos e informações repassadas em relação ao trajeto feito até o sítio. Contudo, para melhor enriquecimento deste material, optamos por destacar o Sr. Miguel Alves, um dos moradores mais antigos do Povoado Redondo, cuja fotografia está abaixo (Figura 21).

Fig. 21 – Sr. Miguel Alves, antigo morador do Povoado Redondo.



Fonte: Leite Filho (2012, p. 7).

Após evidenciarmos este sujeito local, o Sr. Miguel Alves, considerado um protagonista histórico daquela comunidade e detentor de memórias e saberes acerca do sítio, daremos continuidade ao trajeto que foi realizado. Logo após a entrada para o sítio, o visitante se depara com uma lagoa (Figura 22), com cerca de 300m de distância até o espaço físico do Lajeiro do Escrivão; um verdadeiro arcabouço rupestre a céu aberto na *Região dos Cocais*.

Você sabia?

Na visão de Rios (2001), essa região é uma paisagem característica do Maranhão, também conhecida como Mata dos Cocais, “considerada de transição entre vários domínios fitogeográficos, apresentando-se, portanto, associado em direção ao norte com os campos, ao sul e leste com cerrado e, em direção ao oeste, junta-se gradativamente com a floresta, no entanto, seu foco é na zona central nos vales dos rios Grajaú, Mearim, Itapecuru, Munim e Pindaré [...]” (Rios, 2001, p. 59).

De fato, constatamos que: “Tanto os homens pré-históricos [...] ou mesmo as pessoas nos dias de hoje, procurariam, para viver, um lugar onde houvesse água nas proximidades” (Funari, 2003, p. 18). Com isso, esclarecemos que para se fazer visita ao sítio abordado, é necessário solicitar autorização à atual proprietária daquele local, que possui uma sensibilidade humana e reconhece a importância daquele bem arqueológico para o município e sua população.

Fig. 22 – Lagoa próxima ao sítio (propriedade particular).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Dessa forma, afirmamos que, a predominância de recursos hídricos perto de vestígios arqueológicos, nos prova que a água sempre foi um mecanismo indispensável para a manutenção da sobrevivência humana, ao se tornar uma atração para grupos humanos, bem como imprescindível para estudos sobre a pré-história brasileira (Barbalho Junior, 2001, p. 29).

Entretanto, durante a visita feita, o que mais nos chamou atenção foi justamente o conjunto de placas indicativas (Figura 23) ao longo do trajeto para se chegar ao sítio, totalizando cerca de 788m de distância da entrada do Povoado Redondo, até de fato, ao sítio arqueológico descrito. Assim, tais placas sinalizadoras foram colocadas em pontos estratégicos do sítio, a fim de fazer com que os visitantes se orientem durante o trajeto feito a pé, pois, outrora, a região era inóspita; embora, seja considerada ainda uma mata fechada, com abundância de uma fauna e flora própria da Região dos Cocais.

Fig. 23 – Placas indicativas de orientação geográfica (propriedade particular).



Fonte: Acervo do autor (2023).

Após essa breve descrição do espaço e de seus principais sujeitos que compõem o enredo do sítio arqueológico estudado e pesquisado, identificamos uma grande negligência: a demora no processo de **tombamento** do Lajeiro do Escrivão como patrimônio arqueológico (Fig. 24), seja na esfera municipal, estadual ou federal. Uma lacuna que este material reitera e chama a devida atenção para suprir, por meio de medidas de proteção, salvaguarda e promoção de uma **educação patrimonial**, ambiental e ecoturística controlada naquele lugar de memórias étnicas e milenares. Sobretudo, por ser um bem patrimonial que deve ser levado para a sala de aula, por exemplo, sendo um objeto de conhecimento no ensino de **História local**.

Diante dessa situação, no tempo presente, evidenciar e potencializar um bem cultural, pouco estudado e pesquisado no leste maranhense, torna-se um grande desafio, mas não impossível.

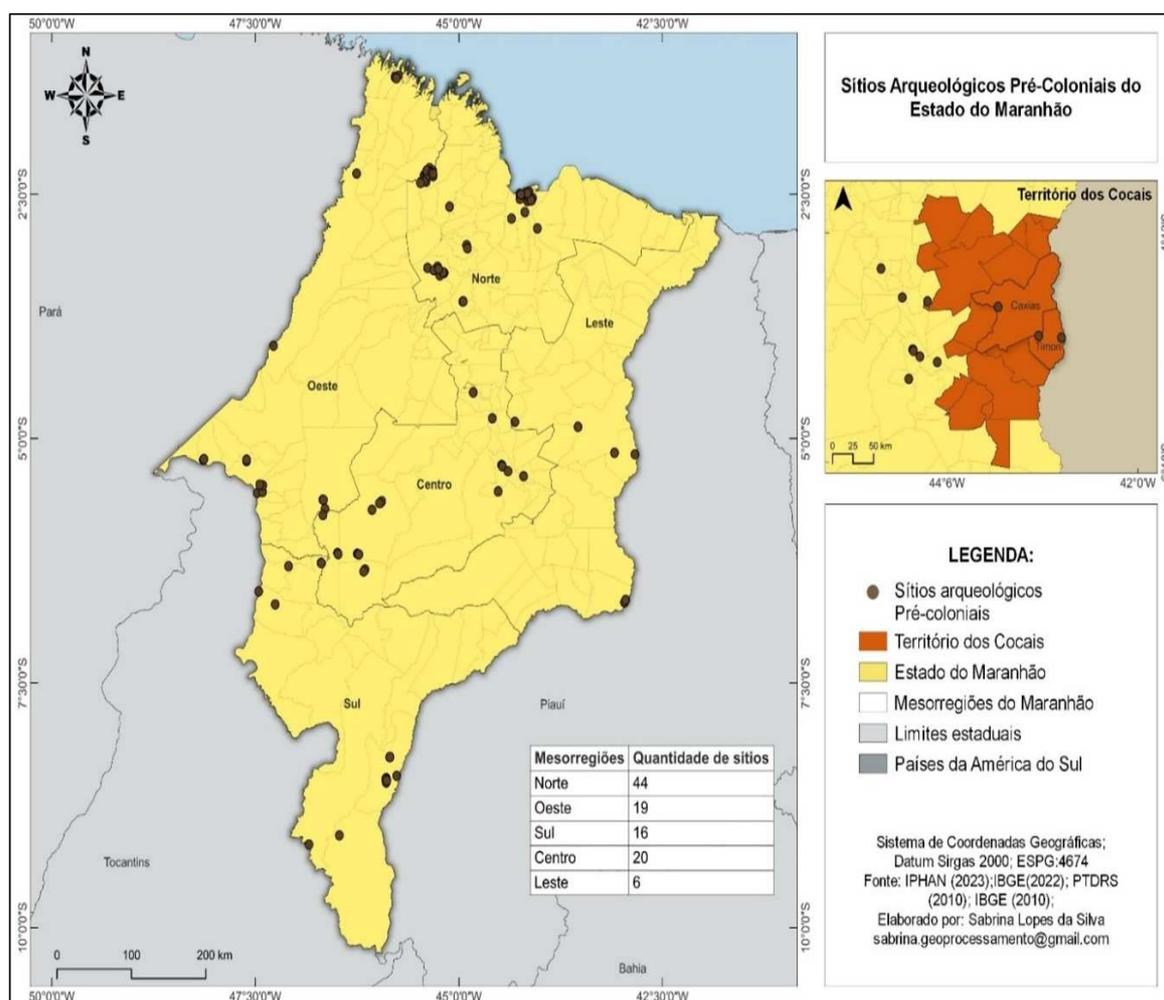
Fig. 24 - O Lajeiro do Escrivão e sua exuberância rupestre.



Fonte: Acervo do autor (2023).

O que se demonstra, conforme o mapeamento abaixo (Figura 25), é uma concentração espacial de sítios pré-coloniais na mesorregião norte do estado, especialmente, pela catalogação de sítios do tipo *estearias* e *sambaquis* que caracterizam a baixada maranhense. Diferentemente do leste maranhense, onde predominam sítios abrigados sob rochas ou de **grafismos** (vestígios gráficos), predominantemente marcados por gravuras rupestres, com poucas pinturas.

Fig. 25 – Mapa de localização e distribuição de sítios pré-coloniais no Maranhão.



Fonte: Elaborado por Sabrina Lopes da Silva (2023).

A partir da representação cartográfica acima, justificamos o panorama desigual de pesquisas e estudos feitos e centrados naquela região, tanto pelo Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPHNAMA), quanto pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão (LARQ/UFMA). Somada à colaboração participativa da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Maranhão (Iphan/MA).

Frente a isso, por exemplo, a mesorregião leste, além de possuir poucos sítios cadastrados (sobretudo, no Território ou Região dos Cocais), sofre, fortemente, ausências de políticas públicas institucionais e sistemáticas de cadastramento, pesquisa e acondicionamento de vestígios da cultura material de forma adequada.

Sob esse olhar, ao tratarmos de uma discussão ainda atual, segundo Leite Filho e Leite (1998), os bens patrimoniais brasileiros sejam de natureza material ou imaterial, passam por um processo de complexidade enorme, pois existe uma legislação que os protegem, mas não existe de fato, uma praticidade e dinamicidade quanto a realizações de pesquisas científicas, amplas e democráticas. Além de se ter uma sociedade carente de uma formação ou educabilidade patrimonial, desde o preparo técnico, até mesmo a constituição de uma aprendizagem e consciência referente à salvaguarda de patrimônios locais, regionais ou nacionais.

Breves reflexões

É necessário desenvolver o chamado *ecoturismo sustentável* na Região dos Cocais, colocando o sítio Lajeiro do Escrivão em uma Área de Proteção Ambiental (APA), amparada por lei municipal, visando atrair turistas para participar de trilhas ecológicas até o sítio. Tendo em vista que, ao longo do percurso, poderão ser implantados pontos de apoio para venda e consumo de artesanato, por sua vez, feitos pelos próprios moradores daquela região, possibilitando o fluxo de geração de emprego e renda em São João do Sóter. Com isso, também é viável acompanhar o processo de tombamento do Lajeiro do Escrivão pelo Iphan.

Agora professor, vamos exercitar os saberes adquiridos mais uma vez!



Exercitando os saberes

Atividade de verificação de aprendizagem

1 – O Lajeiro do Escrivão é marcado por inúmeras gravuras, chamadas na Arqueologia de petróglifos. Com isso, pesquise e descreva as principais características desse tipo de inscrição rupestre.

2 – O Lajeiro do Escrivão é formado por três técnicas: picoteamento, incisão e abrasão. Diferencie cada uma delas e descreva seus processos de constituição em rocha.

3 – Qual o recurso hídrico mais próximo do sítio arqueológico na área privada pertencente a senhora Gilvana Rocha?

- a) Uma lagoa
- b) Um lago
- c) Um rio
- d) Um açude

4 – Levando em consideração as placas sinalizadoras entre a entrada do Povoado até o sítio em si, quantos metros totais de distância são necessários para se fazer o trajeto a pé adentrando a mata dos Cocais?

- a) 738 m
- b) 50 m
- c) 788 m
- d) 750 m

5 – Explique por que as pesquisas arqueológicas são desiguais dentro do estado do Maranhão, do ponto de vista geográfico? E onde se concentram estes estudos científicos atualmente?

6 – Analise o mapa (Figura 22) na página 37 referente à distribuição de sítios pré-coloniais no Maranhão e faça a contagem de sítios existentes no Território de Cocais e no leste do estado, respectivamente.

Exercitando os saberes

7 - Veja as duas imagens abaixo e diga quais técnicas (incisão, abrasão e picoteamento) foram usadas para criar formas desejadas e que representam o cotidiano e imaginário de grupos étnicos antigos e nômades que se abrigaram naquela região inóspita.

a)



Técnica utilizada: _____

b)



Técnica utilizada: _____

c)



Técnica utilizada: _____

8 - Pesquise sobre os órgãos responsáveis pelo campo arqueológico e processos de salvaguarda de bens patrimoniais no Maranhão e suas recentes pesquisas e divulgações, seja no meio científico, seja no meio social. Além disso, descreva as funções específicas de cada instituição a partir de respostas curtas e reflexivas.

Exercitando os saberes

9 – O Lajeiro do Escrivão é carregado de memórias e narrativas orais por meio de seus antigos moradores e atuais que residem no Povoado Redondo, em São João do Sóter. Assim, cite ao menos os nomes de dois antigos sujeitos históricos que carregam lembranças e experiências acerca do patrimônio arqueológico local.

10 – Após a leitura de toda a unidade III, proponha uma forma de intervenção sustentável e consciente na área do Lajeiro do Escrivão, para garantir sua proteção por lei efetiva e divulgação através de meios sociais e turísticos. Ou melhor, como desenvolver a Região dos Cocais através de seu patrimônio de arte rupestre? Reflita e descreva sobre essas indagações levantadas.

Gabarito: 3-A; 4-C; 7-a) Incisão; b) Abrasão; c) Picoteamento

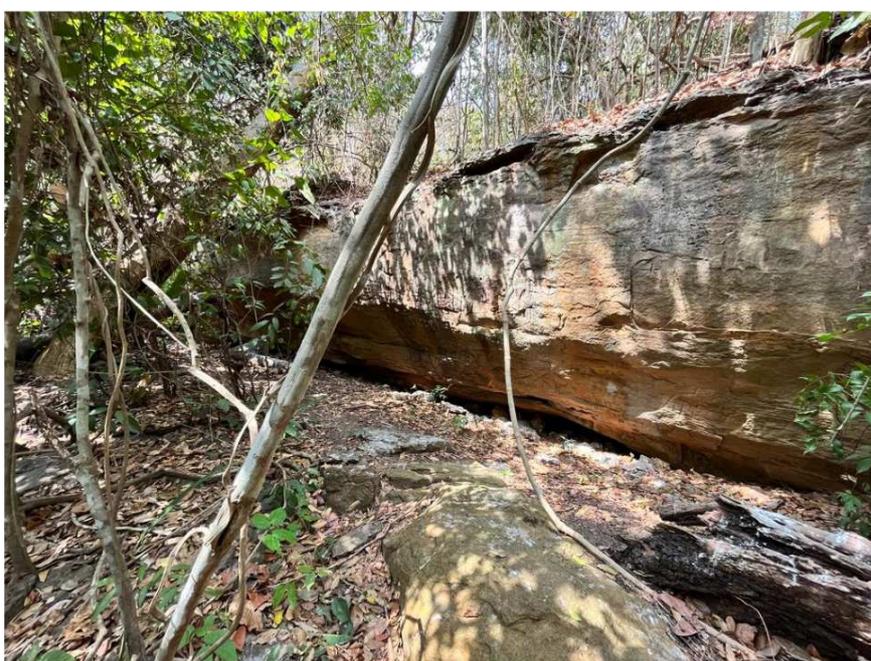
Algo a mais: Praticando a educação patrimonial em aula campo

Dica: Caberá ao professor, enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem, criar um roteiro de aula campo, a fim de identificar as gravuras rupestres do sítio *in loco* junto aos alunos, e depois em sala, realizar um debate sobre a produção de narrativas escritas pelos estudantes do 6º ano referente às representações e possíveis memórias contidas naquele paredão rochoso de arenito.

Para isso, siga a seguinte ordem metodológica:

- 1. Realização de aula-passeio ao Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão;*
- 2. Descrição dos elementos constituintes do sítio abordado, através da técnica de decalque;*
- 3. Produção de um roteiro de viagem ou aula campo, a critério do professor;*
- 4. Socialização das experiências adquiridas com a aula prática de campo em sala de aula junto aos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental (protagonistas dos saberes históricos escolares).*

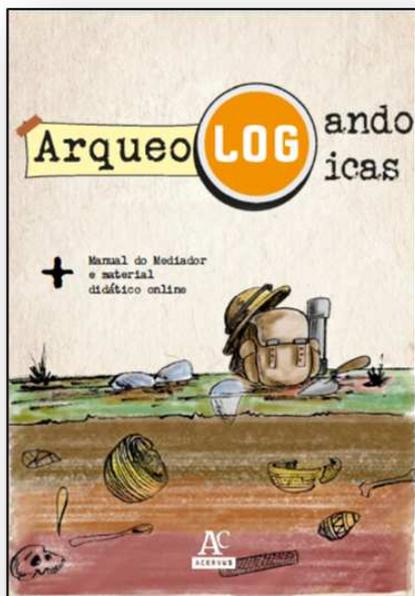
Fig. 26 – Área do sítio para realização de aula-passeio.



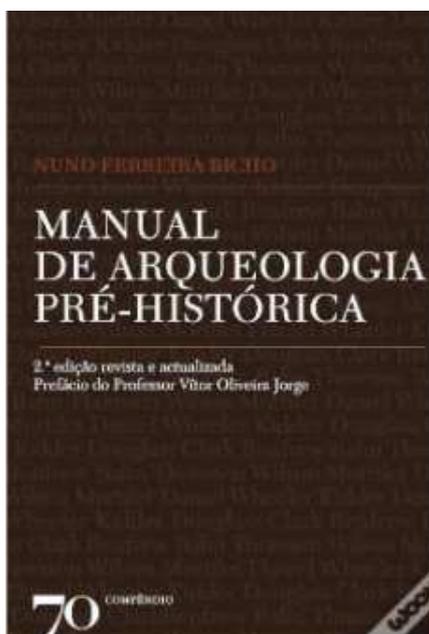
Fonte: Acervo do autor (2023).

Essa dica metodológica descrita acima trata-se de uma iniciativa para melhor dinamização e auxílio ao professor que atua em sala de aula e anseia por novas propostas de metodologias e estratégias de aprendizagem. O patrimônio local ao ser trabalhado em sala e fora dela, poderá ser apropriado e abordado didaticamente como objeto de conhecimento junto ao seu conjunto estético (grafismos rupestres), tornando-se um mecanismo de aprendizagem histórica e formação de **saberes históricos** dos estudantes do 6º ano, conforme prevê a legislação educacional e curricular em nível nacional e estadual: BNCC (Brasil, 2018) e o DCTMA (Maranhão, 2019).

SUGESTÕES DE LIVROS:



PIASSON, André Martinelli; CHAVES, Lucas Machado (Orgs.). **Arqueologando/Arqueológicas**. Passo Fundo: Acervus Editora, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1-q0cwSQnkhnZATZpXrAHSeE5AQLdbGeE/view>. Acesso em: 16 ago. 2024.



BICHO, Nuno Ferreira. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006. Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/wp-content/uploads/2019/03/305537214-bicho-n-f-2006-manual-de-arqueologia-pre-historica.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SUGESTÕES DE BLOGS E SITES:

Arqueologia e Pré-história. **Arqueologia na sala de aula.** Disponível em: <https://arqueologiaeprehistoria.com/arqueologia-na-sala-de-aula/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

LACERDA, Maykon Albuquerque; ROCHA, Maria do Amparo Moura Alencar. **UMA POSSÍVEL FORMA DE VALORIZAÇÃO LOCAL:** a Educação Patrimonial para as comunidades do entorno do Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão em São João do Sóter-MA. Revista Espacialidades, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 15–35, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/27638/16433>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SUGESTÕES DE FILMES OU MÍDIAS DIGITAIS:

Vídeo ECOTURISMO: uma forma de empreender e divulgar um sítio ecológico, gerando renda local e na região, em uma Área de Proteção Ambiental, na cidade de São João do Sóter-MA.

Direção de Filipe Bezerra Costa. Brasil, Youtube, 29 MAR. 2020. 2min20seg.

Sinopse: Este curto vídeo é o único disponível no canal youtube referente ao sítio arqueológico Lajeiro do Escrivão como instrumento do ecoturismo em São João do Sóter, Maranhão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HGfMtF-uD1I>. Acesso em: 16 ago. 2024.



GLOSSÁRIO

Decalque: é uma das técnicas utilizadas na Arqueologia, a qual consiste na transferência de uma imagem, desenho, gravura ou pintura, para outra superfície por pressão ou cópia.

Educação Patrimonial: é uma das ações primordiais na preservação do patrimônio arqueológico, e por ser um processo sistemático e de trabalho educacional, possibilita a tomada de objetos e expressões do campo patrimonial e cultural como ponto de partida para atividades pedagógicas dentro e fora da sala de aula, de modo a observar, questionar e explorar aspectos constituintes que podem ser traduzidos em conceitos e saberes diversos. Uma oportunidade que viabiliza, efetivamente, ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal na qual está inserido (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999).

Grafismos: são as pinturas e gravuras rupestres feitas por sujeitos ou grupos humanos pré-históricos (ou pré-coloniais), assim, “O termo grafismo é utilizado para designar qualquer figura representada em rocha” (Barbalho Junior, 2001, p. 37). No Brasil, alguns arqueólogos preferem não utilizar o termo grafismo e, sim, arte rupestre, já outros, inscrições rupestres.

História Local: trata-se de uma abordagem que prioriza a análise de pequenos espaços e que depende, essencialmente, do campo geográfico do historiador (Barros, 2013), sendo que, em muitos casos, a história local é confundida com a história regional, visto que ambas são abordagens históricas. No entanto, “Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da história regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica [...]” (Barros, 2004, p. 153). Assim, enquanto a história regional foca numa região, a história local se ocupa de algo menor, mais específico, distinguindo-se somente por uma questão de escala geográfica.

GLOSSÁRIO

Percutor: é um instrumento que bate, que impacta. Usado pelos pré-coloniais ou etnias remotas para bater as rochas nas produções líticas através do picoteamento.

Saberes históricos: referem-se aos conhecimentos acumulados e adquiridos ao longo do tempo. Em outras palavras, o saber histórico, segundo Monteiro (2007, p.19): “é um conhecimento mais amplo e complexo, que envolve a pesquisa, análise e interpretação de fontes históricas”. A partir disso, o saber histórico escolar equivale a um conhecimento simplificado voltado para o ensino e adaptado ao seu público, por sua vez, situado no chão da escola e em processo de formação contínua (Monteiro, 2007).

Sulcos: é a abertura em uma determinada superfície ou pequenas incisões perpendiculares às curvas de níveis e que, com o tempo, provoca erosão em rochas, através do desgaste, transporte e sedimentação das rochas como efeito dos agentes.

Tombamento: é um instrumento legal de reconhecimento e proteção de determinado bem cultural, material ou espaço físico perante o Poder Público em suas três instâncias administrativas: municipal, estadual e federal. Não podendo ser feita nenhuma intervenção humana na área tombada sem a devida autorização do órgão competente, o Iphan (Brasil/Iphan, 2014).

Tradição geométrica: é aplicada às formas geométricas em solos ou subsolos, constituídas por grafismos rupestres, classificados como arte, dado seu caráter estético. Mas, estas classificações variam de uma região para outra, mediante o nível de complexidade dos registros mapeados. Ou melhor: “Trata-se das subtradições, que são utilizadas para definir registros gráficos desvinculados de uma tradição, bem como, os termos Estilos, Variedades ou Fáceis” (Bandeira, 2003, p. 56).

Considerações finais sobre o sítio

Evidenciamos que o Lajeiro do Escrivão, na Região dos Cocais, é um sítio arqueológico, exclusivamente, de gravuras rupestres - os petróglifos (de tradição de arte rupestre Geométrica), feitos por grupos étnicos pré-coloniais, os paleoameríndios - grupos de caçadores e coletores que deixaram suas marcas em um enorme paredão rochoso de arenito (abrigo sob rocha). Formado por técnicas de picoteamento, abrasão e incisões em rocha (impressões gráficas), como único meio para demarcar, de maneira duradoura, locais na paisagem. Conseqüentemente, são essas marcas, mensagens perpetuadas no paredão rochoso em uma temporalidade de longa duração e ainda pouco exploradas pelos arqueólogos.

Ao mesmo tempo, desdobrado em aspectos relacionados ao cotidiano desses grupos étnicos, como traços de animais, vegetais e da própria fisionomia humana; uma verdadeira demonstração, de uma memória manifestada no formato de desenhos (grafismos pré-coloniais), rabiscados pelos conjuntos de grupos descritos e, que se preocuparam em registrar elementos de uma realidade tecida há milhares de anos, não havendo, até agora, uma datação precisa.

Em outras palavras, equivale à evidência da presença humana (povos originários) durante o processo de ocupação do território maranhense, condicionado a fatores, tais como: clima, relevo, hidrografia e cobertura vegetal susceptível à sobrevivência da humanidade, contendo informações do passado do que é hoje o território maranhense e a diversidade cultural deixada.

Considerações finais sobre o sítio

Por isso, esperamos que aqueles que tiverem acesso a este guia, sobretudo, aos professores que atuam no chão da sala de aula dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), possam fazer bom uso didático e pedagógico deste material textual como suporte às novas possibilidades de aprendizagem e metodologias de ensino, a exemplo, da educação patrimonial, das aulas-passeios (aulas de campo), tal como as atividades avaliativas e o plano de aula, sugeridos para melhor contribuir com a prática docente no processo de formação de saberes históricos e de uma consciência crítico-reflexiva, que perceba e se sensibilize com a real situação do patrimônio arqueológico de São João do Sóter.

E que, acima de tudo, o Poder Público, através da Prefeitura Municipal, valorize e preserve os bens patrimoniais integrados à cultura material da região e que olhe, proteja e elabore políticas públicas e eficazes de fomento à salvaguarda do Lajeiro do Escrivão. Primeiramente, fazendo a aquisição do terreno onde se encontra o sítio para domínio público e patrimônio da cidade, e depois, criando um inventário participativo que contemple as memórias e narrativas dos moradores do Povoado Redondo e adjacências. Logo, considerando as experiências vivenciadas, os conhecimentos prévios e as distintas realidades em que se encontram aqueles sujeitos históricos (alunos, professores, moradores rurais etc.).

Portanto, estas possibilidades de intervenções podem ser mediadas pelos próprios professores de História da localidade ao trabalharem com este guia didático em suas práticas pedagógicas, tornando-se um grande diferencial no ensino de História.

REFERÊNCIAS

Fontes documentais

BARBOSA, Caio Alexandre Costa; SOUZA, Luzia Mary Silva (Coord.). **INVENTÁRIO TURÍSTICO DE SÃO JOÃO DO SÓTER - MA POLO COCAIS**. Maranhão, 2019. São João do Sóter: Prefeitura Municipal/Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo. Disponível em: <https://docs.google.com/uc?export=download&id=1qEbKoK7zWj9DXKAg-wRY0P-M1WxVRAnh>. Acesso em: 05 jun. 2024.

LEITE FILHO, Deusedéit Carneiro; LEITE, Eliane Gaspar. **Grafismos Rupestres**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, São Luís, n. 12, p. 5-7, dez. 1998.

LEITE FILHO, Deusedéit Carneiro. **Ficha de registro de Sítio Arqueológico**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Natural. Ministério da Cultura. CESC-UEMA/UFPI. São Luís: 2000.

LEITE FILHO, Deusedéit Carneiro. **Relatório de viagem**. São João do Sóter. São Luís: Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão-SECMA, março de 2012.

LEITE FILHO, Deusedéit Carneiro. **Ficha de registro de Sítio Arqueológico**. Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos - CNSA. Departamento de Identificação e Documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Natural. Ministério da Cultura. São Luís: Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão-SECMA, 2017.

Fonte hemerográfica

FOLHA DOS COCAIS. **Homem primata morou em Caxias**. Caxias, Maranhão, 1995, p. 4.

REFERÊNCIAS

Blog

BARBOSA, Caio. Sítio Arqueológico Lajeiro do Escrivão. **Blog sincotur-sjs**. São João do Sóter, fev. 2018. Disponível em: <http://sincotur-sjs.blogspot.com/2018/02/sitio-arqueologico-lajeiro-do-escrivao.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.

Legislação

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Samia/Downloads/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Samia/Downloads/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site%20(2).pdf). Acesso em: 19 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961**. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos do país. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Lei_3924_de_26_de_julho_de_1961.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Bens Tombados**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em 25 out. 2024.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Arqueológico**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-arqueologico>. Acesso em 25 out. 2024.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** história – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.653, de 18 de abril de 2018.** Dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13653.htm. Acesso em: 05 jun. 2024.

MARANHÃO. **Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1ySAHICYIWheaFju__pkAbykeAbPsE7ce. Acesso em: 05 jun. 2024.

Bibliografia básica

BANDEIRA, Arkley Marques. **Um panorama sobre os registros rupestres no Estado do Maranhão.** 121f. Monografia (Graduação em História/Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2003.

BARBALHO JUNIOR, Marcus Saldanha. **Um Estudo sobre a Arqueologia Pré-Histórica do Maranhão.** 85f. Monografia (Graduação em História/Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2001.

BARROS, José D`Assunção. **O campo da História:** especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2004.

BINFORD, Lewis R. **Em busca do passado.** Lisboa. Publicações Europa América. 1983.

REFERÊNCIAS

CHUVA, Márcia. O que é patrimônio arqueológico? In: LEAL, Claudia Baeta; TEXEIRA, Luciano dos Santos; CHUVA, Márcia. **Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro/RJ: Fundação CECIERJ, vol.1, 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan/Museu Imperial, 1999.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MEDEIROS, Mércia Carréra de. SURYA, Leandro. A Importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio. **ANPUH - XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

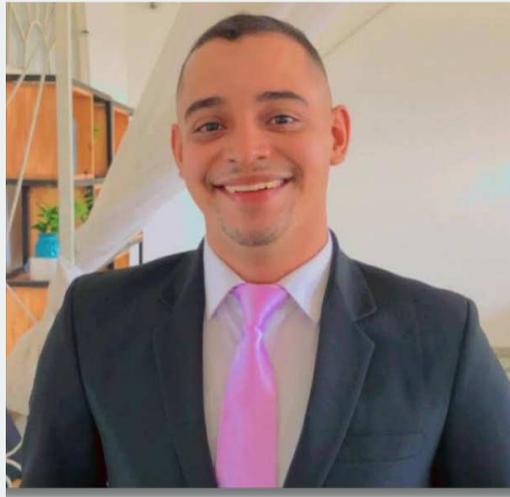
MONTEIRO, Ana Maria F. C. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, p. 7-28 dez. 1993.

RIOS, Luiz. **Estudos de Geografia do Maranhão**. São Luís: Gr@phis Editora, 2001.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

Sobre o autor



Maykon Albuquerque Lacerda é natural de Caxias - MA. Mestre em História pela Universidade Estadual do Maranhão - PPGHIST/UEMA (2024); Especialista em Ensino de História do Brasil: Cultura e Sociedade pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano - IESF (2023); Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí - UFPI (2023); Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA/Campus Caxias (2022). Tem interesse na área de História, com ênfase nos seguintes temas: Nova História Política (partidos, oligarquia, poder); Patrimônio Arqueológico, Ensino de História, Materiais didáticos, Educação Patrimonial, Memória, História Oral, História local e regional.